



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS CURSO DE
LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

A MILITARIZAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO DO AMAPÁ:
ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MESSIAS
GONÇALVES DA SILVA (2015-2020)

Deivid dos Santos Rodrigues

MACAPÁ

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS CURSO DE
LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

A MILITARIZAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO DO AMAPÁ:
ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MESSIAS
GONÇALVES DA SILVA (2015-2020)

Trabalho de conclusão de curso apresentado por Deivid dos Santos Rodrigues ao Colegiado do Curso de História, para a obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade Federal do Amapá.

Orientador: Esp. Carlos Alberto Viana Marques

MACAPÁ
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Cristina Fernandes– CRB-2/1569

Rodrigues, Deivid dos Santos.

A militarização de escolas públicas no Estado do Amapá: estudo de caso sobre a escola estadual professor Antônio Messias Gonçalves da Silva (2015-2020). / Deivid dos Santos Rodrigues; orientador, Carlos Alberto Viana Marques. – Macapá, 2020.

80 f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura em História.

1. Militarização. 2. Escolas Militares. 3. Educação Militar. I. Marques, Carlos Alberto Viana, orientador. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

373.243 R696m

DEIVID DOS SANTOS RODRIGUES

**A MILITARIZAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO DO AMAPÁ:
ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANTÔNIO
MESSIAS GONÇALVES DA SILVA (2017-2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de História da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), como requisito final para a obtenção do título de Licenciando Pleno em História, submetido à Banca Examinadora composta pelos professores:

Aprovado em: ____/____/2020

Banca Examinadora

Prof. (a) Dra. Carmentila das Chagas Martins

Prof. Dr. Andrius Estevam Noronha

Prof. (a) Esp. Carlos Alberto Viana Marques

Dedico este trabalho à minha mãe que sempre me incentivou aos estudos e me ensinou que a educação é a base de tudo.

AGRADECIMENTOS

Ser professor de História é um sonho que tenho desde pequeno, e esse sonho está prestes a se realizar. Primeiramente, tenho muito a agradecer aos meus pais por todo o esforço investido na minha educação. Agradeço por entenderem a minha ausência e, principalmente, por me ajudarem na minha angústia. Meus pais foram essenciais nessa trajetória e nunca mediram esforços para que esse sonho se tornasse realidade, sempre com muito amor, carinho e fé.

Agradeço a minha namorada, Raiane, que esteve ao meu lado durante todo o percurso acadêmico, agradeço pelo amor, cuidado, compreensão, companheirismo e principalmente pela paciência em lidar com meus estresses e excessos causados pela monografia.

Agradeço aos meus antigos e novos amigos que a universidade me proporcionou, agradeço por terem compartilhado comigo os mesmos medos e expectativas durante esses anos. Vivemos e vibramos juntos a cada etapa vencida na graduação.

Agradeço aos meus inimigos, por me ensinarem a olhar nos olhos, a encarar os problemas e as pessoas com mais sabedoria.

Agradeço ao Professor Carlos Alberto pela confiança depositada na minha proposta de projeto. Pessoa de grande valor, competente e que com muita paciência moldou minhas ideias, partindo de provocações que me fizeram avançar na construção deste trabalho, e, com suas oportunas e ricas reflexões me ajudou a finalizá-lo.

Agradeço a boa recepção do Comando Geral da Polícia Militar do Amapá, pelas inúmeras vezes que estive por lá para pegar algum documento e também, a escola Militar Antônio Messias que me acolheu como estagiário me dando a oportunidade de colocar em prática todo o conhecimento teórico obtido em sala de aula, alavancando minha carreira e me preparando para o mercado de trabalho e para este projeto.

Por fim, quero agradecer também a minha amiga da turma 2016.2 de História, Ana Karoline. Pessoa iluminada que abriu minha mente para o objeto de estudo desta monografia. A todos, GRATIDÃO!

Somente você pode transformar sua vida naquilo que sempre sonhou. Concentre-se e se torne a melhor versão de si mesmo e veja que você é capaz de criar uma realidade incrível.

(José Rubens Cavalari)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta estudos sobre o tema a militarização de escolas públicas no Estado do Amapá. Esse movimento ascendente de escolas públicas militarizadas advém desse processo de incorporação no restante do país. Escolas públicas amapaenses transferiram a gestão civil para a gestão militar por acordo de cooperação entre Secretarias de Educação e Segurança Pública. O objetivo foi investigar as memórias dos personagens envolvidos na implementação da primeira escola militar do Amapá, como impactou a rotina escolar e a comunidade de entorno. Para tanto, realizou-se o uso de dois métodos de pesquisa: a bibliográfica e a de campo, sendo entrevistadas cinco fontes orais que expuseram suas memórias sobre o processo de pesquisa, construção e aplicação do modelo militar em Macapá, mais precisamente, na Escola Estadual Antônio Messias. Os resultados analisaram a abordagem de estudos históricos sobre o conceito de região, regional e/ou local como categoria de metodologia histórica de pesquisa. Também foram analisados os aspectos referentes a História da Educação Militarizada no Brasil, em Goiás e no Amapá, marcando a regionalidade da questão e os caminhos para tornar possível a gestão pela Polícia Militar. Por último, foram investigadas as memórias das cinco fontes orais sobre a primeira escola militar do Amapá e chegou-se à conclusão de que as memórias confirmam muitos impactos na rotina tanto dos alunos, quanto dos professores do ensino fundamental e médio, por cultivar valores como disciplina, hierarquia e patriotismo. Enfim, uma nova concepção educacional para essa instituição que estava no modelo de ensino tradicional.

Palavras chave: Militarização, escolas Militares, disciplina, Educação Militar.

ABSTRACT

This research presents studies on the militarization of public schools in the State of Amapá. This upward movement of militarized public schools comes from this process of incorporation in the rest of the country. Amapá public schools transferred civilian management to military management through a cooperation agreement between Education and Public Security Departments. The objective was to investigate the memories of the characters involved in the implementation of the first military school in Amapá, how it impacted the school routine and the surrounding community. To this end, two research methods were used: bibliographic and field research, with five oral sources being interviewed who exposed their memories of the research process, construction and application of the military model in Macapá, more precisely, at the School State Antonio Messias. The results analyzed the approach of historical studies on the concept of region, regional and / or local as a category of historical research methodology. The aspects related to the History of Militarized Education in Brazil, in Goiás and in Amapá were also analyzed, marking the regionality of the issue and the ways to make management by the Military Police possible. Finally, the memories of the five oral sources about the first military school in Amapá were investigated and it was concluded that the memories confirm many impacts on the routine of both students, as well as teachers of elementary and high school, for cultivating values such as discipline, hierarchy and patriotism. Finally, a new educational concept for this institution that was in the traditional teaching model.

Keywords: Militarization, Military Schools, discipline, Military Education.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF	Constituição Federal
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
MEC	Ministério da Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
SCMB	Sistema Colégio Militar do Brasil
PNE	Plano Nacional de Educação
PIB	Produto Interno Bruto
GEA	Governo do Estado do Amapá
SEED	Secretaria de Estado da Educação
PM/AP	Polícia Militar do Estado do Amapá
CBM/AP	Corpo de Bombeiros Militar do Amapá
EEEM	Escola Estadual de Ensino Militar
AMGS	Antônio Messias Gonçalves da Silva
IDEB	Índice de Desenvolvimento e Base da Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
CM	Colégio Militar
CMRJ	Colégio Militar do Rio de Janeiro
CMs	Colégios Militares
DEPA	Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial
DECEX	Departamento de Educação e Cultura do Exército
PGE	Plano Geral de Ensino
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ANPED	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação
FEE	Fórum Estadual de Educação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Antiga sede da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho.

Figura 2. Aluno com uniforme do Colégio Imperial Militar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Respostas à questão 1.

Quadro 2. Respostas à questão 3.

Quadro 3. Respostas à questão 5.

Quadro 3. Respostas à questão 5.

Quadro 5. Respostas à questão 1.

Quadro 6. Respostas à questão 3.

Quadro 7. Respostas à questão 5.

Quadro 8. Respostas à questão 8.

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Participantes da pesquisa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 HISTÓRIA REGIONAL E/OU LOCAL COMO CATEGORIA DE ESTUDOS HISTÓRICOS.....	20
2.1 A REGIÃO COMO CATEGORIA DE ESTUDO HISTÓRICO.....	20
2.2 HISTÓRIA REGIONAL E/OU LOCAL	21
2.3 MEMÓRIAS DA HISTÓRIA REGIONAL E/OU LOCAL	23
3 CRIAÇÃO DAS ESCOLAS MILITARES NO BRASIL.....	24
3.1 O PRIMEIRO EDUCANDÁRIO LIGADO AOS MILITARES NO BRASIL	24
3.2 AMPLIAÇÃO DAS ESCOLAS MILITARES	26
3.3 COLÉGIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA GESTÃO DA POLÍCIA MILITAR.....	29
3.4 GOIÁS – PIONEIRO NA GESTÃO MILITAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS	30
3.5 O MODELO GOIANO IMPLANTADO NO ESTADO DO AMAPÁ	33
4 MEMÓRIAS DA IMPLEMENTAÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA MILITAR DO AMAPÁ	34
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO	34
4.2 RESULTADOS	35
4.2.1 Memórias das ações na fase projetual e atual da militarização na escola.....	35
4.2.2 Memórias dos desafios para militarizar a escola, os alunos, a família e a comunidade.	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A - ENTREVISTAS.....	52
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO.....	72

APÊNDICE C - CARTA DE AUTORIZAÇÃO.....	77
ANEXO A - TERMO DE ANUÊNCIA.....	78
ANEXO B - OFICIO.....	79
ANEXO C - AUTORIZAÇÃO.....	80

1 INTRODUÇÃO

A preocupação dos governos com as instituições escolares é em decorrência do interesse de implementar o controle social nestes espaços educativos. As práticas pedagógicas militares são entendidas por estas gestões como um processo de experiência formativa fundamentado nos princípios de dependência, hierarquização e subordinação. Esta tipologia de ensino foi inserida no Estado do Amapá por intermédio do ideal de ordem social e política que vem crescendo na sociedade brasileira ao longo dos últimos anos.

Desta maneira, têm-se como propósito de pesquisa discutir sobre a militarização de escolas públicas no Estado do Amapá. A proposta foi realizar um estudo de caso tendo como loci a Escola Estadual Antônio Messias Gonçalves da Silva (2017-2020). A referida instituição, desde o ano de 2017, vivenciou muitas alterações no seu modelo de gestão escolar. O governo do Estado do Amapá autorizou a mudança para o modelo de gestão compartilhada entre Secretaria de Estado da Educação (SEED) e a Polícia Militar do Amapá (PM/AP), fato este que contribuiu para a mudança da rotina e rendimento escolar dos alunos da comunidade.

A decisão de propor uma investigação que tem como pauta a escola pública não foi acaso. Durante toda minha trajetória escolar estudei em instituições públicas de ensino e, como egresso dessa instituição, me senti instigado a realizar uma análise que tanto contemplaria um interesse particular de estudo quanto permitiria que eu revisitasse uma parte de minha vivência enquanto estudante. Nota-se que nos últimos anos ocorreu uma expressiva adesão de escolas da rede pública de ensino ao modelo de gestão militarizado. O auge deste processo ocorreu no ano de 2019, pois foi decretado, por meio do governo de Jair Messias Bolsonaro, que o Ministério da Educação (MEC), aderisse ao modelo de escolas cívico-militares nas redes municipais, estaduais e distrital.

As regiões Norte e Centro-Oeste foram as que mais tiveram influência sobre esse padrão de educação. Observa-se que este ensino tem como princípio metodológico os mesmos seguidos por colégios militares do exército, policiais e bombeiros militares. O debate foi produzido em torno da problematização de questões atinentes aos processos de organização de escolas militares na atual conjuntura, como a adesão da gestão pública à perspectiva da gestão compartilhada em comum acordo com órgãos que complementam as forças militares, e assim, aderindo ao movimento de transformação de escolas da rede pública de ensino em escolas militarizadas.

O discurso da improficuidade da educação pública é reproduzido por uma avaliação genérica, que tem como base os resultados dos exames oficiais, sem considerar questões específicas para tais reflexões. Nesse sentido, com base nesta narrativa, o ensino militar é representado pela sociedade brasileira como um dos meios mais enérgicos à oferta de uma “educação de qualidade”. O argumento é validado desta maneira porque há a certeza de que esta modalidade de ensino aumentará os índices de aprovação, frequência e redução das taxas de evasão e combate aos elevados índices de violência que quase sempre é atribuído como uma característica marcante das comunidades que vivem no entorno dessas instituições. O último ponto é muito difundido pelos governos de extrema direita com a justificativa de que é necessário medidas como esta para garantir a segurança pública.

Outro ponto que merece destaque é a escassez de publicações que abordam o atual processo de militarização das escolas públicas brasileiras, e mais especificamente do Estado do Amapá. Na revisão de literatura, realizada por meio de busca em bancos de dados de Teses e Dissertações, observa-se uma evidente tendência historiográfica: estudos mais devotos a inserção da ação militar na sociedade, sobretudo por perspectivas diferentes do campo da educação (e tais pesquisas não consideram de modo mais incisivo o estudo da escola militar e do ensino público militarizado). Em levantamento inicial de estudos, apenas os estudos dos historiadores Lima (2010) e Cabral (2018) abordavam as questões tangenciais da militarização na Educação Básica, apresentando estudos de casos que descrevem os processos adotados para ampliar a gestão educacional e compartilhá-la com a gestão militar.

A delimitação do recorte temporal compreende os anos de 2015 a 2020. Em 2015, aconteceu a deliberação de busca de políticas públicas implantadas em outros estados para subsidiar como seria adotado o modelo de ensino militar no estado do Amapá. Em 2017, após a pesquisa de modelo e elaboração do projeto das escolas militares, foi escolhida pelo então governador do Estado do Amapá, Waldez Góes, a Escola Estadual Professor Antônio Messias Gonçalves da Silva, para ser o primeiro núcleo escolar a receber essa nova proposta de ensino militarizada. Até 2020, a primeira escola da PMAP tem sido reconhecida como uma política educacional totalmente eficaz por grande parcela da comunidade e por representantes políticos que observam a melhora de rendimento escolar, assim como, a redução dos índices de violência e de marginalidade na área de entorno da escola e do bairro.

Tendo como apoio as memórias das personagens envolvidas na implementação da primeira escola militar do Amapá pretende-se nesse trabalho responder a seguinte problemática: como a nova proposta de ensino impactou a rotina escolar e a comunidade de entorno? Acredita-se que as memórias das personagens envolvidas na implementação da

primeira escola militar do Amapá, mostraram uma história de sucesso desde que as atividades se iniciaram na realidade da Escola Estadual Antonio Messias, e, também são relatos que confirmam muitos impactos na rotina tanto dos alunos do ensino fundamental quanto dos alunos do ensino médio, por criar valores e disciplina, chegando ao ponto de a monitoria só ficar observando, por que o aluno já segue aquela rotina pré-estabelecida em sala de aula. Ademais, reduziu a 0 os índices de evasão e de abandono escolar.

Dessa forma, o objetivo geral da monografia foi investigar por meio das memórias das personagens envolvidas na implementação da primeira escola militar do Amapá, como a nova proposta de ensino impactou a rotina escolar e a comunidade de entorno.

Em relação aos objetivos específicos, buscou-se:

- ✓ Entender o conceito de região, regional e/ou local como categoria de metodologia de estudos históricos;

- ✓ Analisar a História da Educação Militarizada no Brasil, em Goiás e no Amapá, marcando a regionalidade da questão e os caminhos para tornar possível a gestão pela Polícia Militar;

- ✓ Investigar as memórias das personagens envolvidas na implementação da primeira escola militar do Amapá, enfatizando como a nova proposta de ensino impactou a rotina escolar e a comunidade de entorno.

Para alcançar tais objetivos e responder ao problema proposto nestes recortes, realizou-se o uso de dois métodos de pesquisa: a bibliográfica e a de campo, sendo entrevistadas cinco fontes orais que expuseram suas memórias sobre o processo de pesquisa, construção e aplicação do modelo militar em Macapá, na Escola Estadual Antonio Messias.

No primeiro capítulo intitulado “História regional e/ou local como categoria de estudos históricos” apresento breves estudos sobre importância destes conceitos em pesquisas da História, enfatizando conceitos e concepções entre os principais estudiosos.

No segundo capítulo que tratou sobre a “Criação das escolas militares no Brasil” foram apresentados estudos sobre a criação e aspectos históricos da ampliação da militarização da educação em alguns estados brasileiros, e, conseqüentemente, a modificação do cotidiano do ambiente escolar.

No terceiro capítulo fez-se a apresentação das “Memórias da implementação da primeira escola militar do Amapá”, mostrando o planejamento metodológico e os resultados que foram obtidos com a realização da coleta de dados dos participantes do processo histórico através de rememoração dos fatos e dos sentimentos.

Dessa forma, a relevância da pesquisa visa a contribuir no processo histórico, em que contextualiza-se o hoje com o ontem, em outras palavras, com os primórdios militares na educação desde a instalação do Território Federal do Amapá na década de 1940 e com a transformação em Estado em 1990 época da inauguração da primeira escola da PM/AP na Cidade de Macapá, trazendo à realidade regional uma nova proposta de ensino.

2 HISTÓRIA REGIONAL E/OU LOCAL COMO CATEGORIA DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Antes de iniciar a análise sobre História Regional e/ou Local, cabe ressaltar a importância, mesmo que de forma superficial, fazer uma breve abordagem acerca do debate conceitual existente sobre a importância do regional e do local. Não se pretende expor neste trabalho uma definição única sobre esse conceito uma vez que entre os principais estudiosos do tema há variadas concepções a respeito, que não cabe aqui aprofundar.

2.1 A REGIÃO COMO CATEGORIA DE ESTUDO HISTÓRICO

Os estudos que abordam especificidades da História Regional, identificou-se nas pesquisas realizadas por Viscardi (1997) acepções de alguns dos principais autores relacionados à Escola Marxista ao termo “região” como questão histórica, enfatizando como principais expoentes: Silveira (1984), Santos (1978) e Cardoso (1982) a respeito do conceito de Região.

Para Silveira (1984) e Cardoso (1982) os postulados teóricos mostram definições bem similares, e no geral, expuseram que as regiões devem ser definidas pelo “caráter diverso das leis de produção de capital e pelo caráter das relações de classe que se dão no seu interior, sem no entanto descurar, da análise das relações existentes entre uma região e as demais” (VISCARDI, 1997, p. 86).

Apesar das particularidades regionais, tanto Silveira (1984) como Viscardi (1997) confirmam que a produtividade capitalista está integrada a um sistema global de relação de produção, o sistema capitalista. Portanto, Região só pode ser compreendida como parte deste sistema. Desse modo o estudo da História Regional e/ou Local não pode estar dissociado econômica, política e socialmente das demais Regiões do Estado Brasileiro.

Nos estudos de Santos (1978) corroborados como relevantes por Viscardi (1997), evidencia-se que a região deriva da função das mudanças econômicas, marcadas sobre tudo

pela internacionalização do capital, que deixou de existir e passou a ser uma abstração empírica. Essa definição é particularmente interessante, pois os autores acreditam que o conceito de Região tornou-se abstrato diante do processo de globalização, ou seja, Região é uma expressão menor do macro sistema global de produção, requerendo portanto que se expandisse, para um novo conceito, para ganhar significados distintos e demonstrasse aspectos históricos, surge então o termo “regional” e/ou local”, que será analisado na seção seguinte.

2.2 HISTÓRIA REGIONAL E/OU LOCAL

A História Regional e/ou Local nas explicações tecidas por Barros (2006), tem sido definida como categoria de método de pesquisa histórica, filha da Revolução Historiográfica iniciada pela Escola dos Annales nas primeiras décadas do século XX. É importante enfatizar que a História Regional e/ou Local não é uma Nova História e sim um método de fazer História, ou seja, é mais uma ferramenta para o historiador, uma ferramenta que possibilita ao pesquisador observar particularidades locais e regionais que a História Nacional de forma macro não dá conta.

Barros (2006, p. 153) enfatizou que “quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da História Regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica”. Portanto, entende-se que para o historiador, o espaço regional, não estando necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, pode se referir a um recorte antropológico, cultural ou qualquer outro proposto pelo historiador.

As possibilidades de fontes no que tange as pesquisas sobre História Local são inúmeras, ampliando desde logo, o leque de possibilidades do ofício do historiador, pois, como salientou o historiador francês Le Goff (1990), os espaços e contextos esquecidos tornam-se valorizados, fazendo com que seja mais conhecida a história daquele determinado lugar.

Importante frisar que são muito comuns as concepções equivocadas sobre a História Regional; visto as dificuldades de se conhecer o objeto em questão, pois se trata de um estudo sobre as peculiaridades, devendo-se ampliar as concepções e a abordagem sobre o objeto, pois o estudo do Regional e/ou Local como fora explicado por Barros (2006), deve ser analisado como parte integrante de um complexo e dinâmico sistema que interliga as regiões dentro do espaço nacional, que, por sua vez, se conecta ao sistema global de produção.

De qualquer modo, o interesse central do historiador regional é estudar especificamente este espaço, ou as relações sociais que se estabelecem dentro deste espaço, mesmo que eventualmente pretenda compará-lo com outros espaços similares ou examinar em algum momento de sua pesquisa a inserção do espaço regional em um universo maior (o espaço nacional, uma rede comercial) (BARROS, 2006, p. 153).

O ofício do historiador é exatamente se posicionar perante as teorias e metodologias de pesquisa, visando assim, aproximar-se do seu objeto de estudo. No que concerne às fontes sobre História Regional observa-se as comparações a serem feitas, pois possibilita desfazer alguns estereótipos historiográficos, haja vista as famosas implicações do historiador para com as suas fontes (BARROS, 2006).

A história do 'lugar' como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, de proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros 'lugares' (BITTENCOURT 2004, p.172).

Para Caprini e Amorim (2020) pesquisar sobre História Regional e/ou Local é um desafio muito grande porque o pesquisador para ter acesso a determinadas fontes tem que se dirigir a familiares ou instituições que por motivos diversos podem dificultar o acesso.

Além de todas essas dificuldades pode-se destacar ainda, as fontes orais que são de suma importância no estudo regional, sendo às vezes a única fonte disponível, devendo o pesquisador agir sempre da forma mais cautelosa possível para não comprometer seu objeto de estudo, pois sempre pode haver o interesse daquele que está sendo entrevistado de distorcer os fatos e comprometer todo um trabalho de pesquisa (CAPRINI; AMORIM, 2020).

Outro ponto relevante é considerarmos a necessidade, como em qualquer pesquisa, de recorrermos ao referencial teórico e ao rigor científico. Muitos trabalhos regionais acabam retratando a História de forma não acadêmica e caem em relatos de memórias sem sua análise crítica dos testemunhos ou, então, um amontoado de informações sem uma organização teórico-metodológico, o que é muito comum nos trabalhos das pessoas que querem resgatar a História local. (CAPRINI; AMORIM, 2020, p. 5).

Dessa forma, cabe destacar que o ensino e a pesquisa da História do Amapá ainda carecem de mais estudos por parte dos historiadores do Estado, pois há um potencial de pesquisas vasto ainda não explorado e repassado a própria população. Porém, as políticas governamentais no âmbito federal não levam em consideração as peculiaridades regionais,

restringindo o conhecimento histórico a um eixo econômico dominante (CAPRINI; AMORIM, 2020).

2.3 MEMÓRIAS DA HISTÓRIA REGIONAL E/OU LOCAL

A construção dos estudos sobre História Regional e/ou Local no ensino superior, como já abordado anteriormente, deve levar em consideração as relações intrínsecas de uma Região e/ou Localidade às demais Regiões. Samuel (1990) expôs que o estudo de História Regional enfatiza a necessidade de pesquisar espaços e contextos que ficaram esquecidos, sendo valorizados somente aspectos históricos nacionais ou temas já consagrados, como explicou o autor:

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos (SAMUEL, 1990, p. 220).

Essa aproximação entre o pesquisador e seu objeto de estudo envolvido dentro de um ambiente do cotidiano permite que a História ganhe sentido mais palpáveis, mais visíveis, menos distantes de sua realidade espacial, aproximando dessa forma a noção de espaço e tempo histórico à vida cotidiana do Historiador, objetivos esses difíceis de serem alcançados se apenas direcionar-se pelas cearas da História geral e seus temas universalizados e homogêneos (SAMUEL, 1990).

O estudo regional oferece novas óticas de análise de cunho local, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural e etc.) a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer ponte entre o individual e o social (SAMUEL, 1990, p. 13).

O estudo da História Regional e/ou Local é fundamental para a compreensão mais abrangente de determinado contexto histórico, pois é uma importante ferramenta que deve ser usada pelo historiador que pretende fugir dos perigos reducionistas da escrita da História das nações forjada por alguns intelectuais eruditos financiados pelos Estados que buscavam se

consolidar como organismo jurídico, monetário, linguístico e militarmente homogêneo sobre determinado território (SAMUEL, 1990).

Por isso, no próximo capítulo dessa monografia, pretende-se abordar o processo da História Regional e/ou Local presente na organização e criação das primeiras escolas militares que se tem notícia no contexto do território nacional, enfatizando-se, entre os seus principais aspectos, as questões militaristas, os objetivos pedagógicos e o processo histórico.

3 CRIAÇÃO DAS ESCOLAS MILITARES NO BRASIL

A criação das escolas militares no país é uma questão muito debatida entre a sociedade e pesquisadores da área da educação, por isso, nesse capítulo se discute sobre os aspectos históricos em volta do surgimento do primeiro educandário ligado aos militares no Brasil, bem como, fazer uma abordagem sobre esse processo de ampliação da militarização da educação em alguns estados brasileiros.

Os processos que envolvem a criação das escolas militares no Brasil são tratados aqui por meio de um único ponto chave: a mudança da gestão civil para a gestão militar e, conseqüentemente, a modificação do cotidiano deste ambiente escolar.

3.1 O PRIMEIRO EDUCANDÁRIO LIGADO AOS MILITARES NO BRASIL

A História da educação militarizada é um campo que tem como principal objetivo entender os mecanismos de controle impostos pelas corporações militares dentro das instituições de ensino, visando moldar os sujeitos a partir da padronização e rígidas regras de comportamento. Nessa perspectiva, o termo militarizar assume o sentido de adquirir feição e caráter militar (NOGUEIRA, 2014).

Portanto, militarizar assume um sentido e um desejo, de se tornar como atuam com ética e moral militar, por isso, nos estudos de Santos (2010) que considera os sentidos desejados pelo sujeito de uma escola militarizada na perspectiva de Michel Foucault, salientando que o processo de ensino diferenciado promove objetivação (vontade de viver o estilo militar) e subjetivação (adesão inconsciente às normas e regras de conduta), por isso, a proposta pedagógica dos colégios militares visa formar bons alunos, filhos e cidadãos, dotados de regras e conhecimento das punições.

Sendo através da interação da objetivação e subjetivação que desde o século XVI tem crescido no Brasil a atuação de grupos militares preocupados com o melhoramento da

sociedade e com a formação dos cidadãos, e passaram a desenvolver estratégias educacionais capazes de romper alguns paradigmas sociais e históricos (entre os quais a miséria, a marginalidade e a criminalidade), e inovar no manejo da construção do conhecimento através do que se convencionou chamar “Escolas militares”, nas quais, mais que gestão militar, adota-se o militarismo como estilo de aprender e de conceber o futuro através da formação do cidadão (LIMA, 2018).

No século XVI esse movimento militar evoluiu com a chegada da Corte Portuguesa ao país, quando foram comemorados os processos de organização das forças militares e também realizados os primeiros processos seletivos para fomentar as estratégias de ensino militar formal através de aulas em cursos avulsos e descentralizados, com um currículo pedagógico considerando a interdisciplinaridade com informações técnicas e profissionais (LIMA, 2018).

Porém, Santos (2010), concebe a formação da educação sob gestão militar ter se iniciado somente em meados do século XVII. É preciso, antes, entender que a Igreja Católica, nos séculos XV e XVI, dominava todos os aspectos de gestão da educação, de modo que os jesuítas realizavam a domesticação¹ do povo através de estratégias de ensino disciplinadoras, promotoras das regras e respeitosa aos anseios da Coroa Portuguesa. E, segundo a autora:

No século XVII, com a chegada dos militares ao Brasil, vem a necessidade de que sejam formados soldados para a guerra, pois o Brasil passou a ser alvo de frequentes invasões e, por isso, tornou-se necessário defender suas fronteiras e seus recursos naturais. Desse modo, a educação dada pelos jesuítas passa a ser insuficiente, e até mesmo inadequada, já que, em situação de guerra, o soldado deve seguir outra disciplina. Acontece que, devido à formação cristã, os soldados não concebem o fato de ter de matar pessoas e não fazem, uma vez que têm medo de ir para o inferno. Diante dessa dicotomia, são criadas as primeiras escolas militares no Brasil Colônia, dotadas, portanto, de regras específicas (SANTOS, 2010, p. 21).

A história da primeira escola com o caráter militar no Brasil começa com o surgimento do Estado Brasileiro, ou seja, com a independência do Brasil (7 de setembro de 1822), porém, o processo de mobilização e treinamento de soldados para a guerra já existia desde a chegada dos portugueses em terras brasileiras, com o processo de colonização, e também em 1792 quando foi inaugurada a primeira instituição com características próximas de uma educação militar, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho (Rio de Janeiro, 1792), que preparava soldados em nível superior para nas atividades fins de militares, com um currículo

¹ Segundo Navarro (1988, p. 75), explica-se que a domesticação do índio perpassava um processo de “aprendizagem da leitura, da escrita e da linguagem [...], as dramatizações, por meio do teatro foi sem dúvida um instrumento pedagógico utilitário”, tão utilizado por José de Anchieta que garantiu a aproximação dos primitivos habitantes do Brasil dos jesuítas.

que projeto ensino das armas de infantaria e de cavalaria (por três anos), de artilharia (por cinco anos) e de engenharia militar (por seis anos). Sua sede se instalou na ponta do Calabouço da Casa do Trem de Artilharia (sede atual do Museu Histórico Nacional) como retratado na Figura 1 (LIMA, 2018).

Figura 1. Antiga sede da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho.



Fonte: Lima (2018).

Aos fins do século XVIII, os acontecimentos decorrentes da Revolução Francesa e a Revolução Inglesa (que implodiram na Europa as bases do antigo regime e nortearam a organização das concepções políticas da burguesia), influenciaram a América do Norte, além daqueles vinculados à Inconfidência Mineira, indicavam aos governantes do Brasil que a formação de um corpo militar era uma questão cada vez mais premente. Então se iniciara um intenso processo de inauguração dessas escolas militares (LIMA, 2018).

Em suma do final de 1820 até 1870, Lima (2018) salienta que frequentaram nesse período poucos alunos, nas escolas regimentais militares somente oitocentos e trinta e cinco militares, sendo, por isso, pequeno o número de reprovados e grande o número de promovidos a sargentos que o relatório do Capitão João Crisóstomo Melo fornece. Haveria que acrescentar a estes, naturalmente, os eventualmente aprovados mas não promovidos a sargentos, sobre os quais nada diz o referido relatório.

3.2 AMPLIAÇÃO DAS ESCOLAS MILITARES

Em março de 1889 o Decreto Imperial 10.202/1889 criou o colégio Imperial Militar cujas as aulas começariam no mês de maio. Nos anos posteriores à criação do Colégio Imperial Militar, críticas de políticos sobre as despesas que acarretava ao Estado brasileiro

forçaram reavaliações nas grades curriculares dos cursos ofertados, porém isso não abalou a sua existência (CASTRO, 2016).

Em 1912, surgem Colégios Militares nas cidades de Porto Alegre-RS e Barbacena-MG, fato que força a mudança do nome da escola para Colégio Militar do Rio de Janeiro. Destaco que somente em seu centenário, no ano de 1989, o colégio passa a aceitar jovens do sexo feminino em suas turmas de ensino fundamental e médio. A figura 2 apresenta o primeiro uniforme que foi adotado por essa instituição (CASTRO, 2016).

Figura 2. Aluno com uniforme do Colégio Imperial Militar.



Fonte: Castro (2016).

A responsabilidade do Colégio Imperial Militar era educar jovens no ensino regular, porém, com o surgimento do colégio militar sua educação foi direcionada para a formação de soldados do exército para ganharem suas batalhas e possíveis guerras, diferente da educação ofertada pelos jesuítas que visava formar soldados de Cristo, cujos os princípios humanos deveriam ser preservados (SANTOS, 2010).

Sendo assim fica claro que a educação militar imposta nesse período, tinha o interesse de criar um corpo discente disciplinado e obediente as necessidades da elite burguesa. A metodologia utilizada na educação era a religiosa, e, em nada ajudaram na formação de soldados capazes de fazer o que fosse necessário para ganhar uma guerra (LIMA, 2018).

Nas décadas iniciais republicanas, durante a formulação de propostas relacionadas ao processo de modernização do Exército, alguns pontos dessa agenda eram a desvalorização e o atraso tecnológico do Exército, a heterogeneidade de sua composição social e as diferenças entre os oficiais que possuíam formação militar e aqueles que não tinham curso nenhum e, notadamente, a falta de treinamento específico (CUNHA, 2011, p. 2)

O quadro de precariedade e de instabilidade das escolas militares perdurou até 1905 quando Marechal Hermes da Fonseca assume o Ministério da Guerra na presidência de Afonso Pena, e realiza o maior mote de reformas que alcançou as escolas militares e adotou iniciativas para que se modernizasse, e tivesse recursos públicos para conseguir tornar o serviço militar obrigatório, a ampliação massiva dos efetivos militares, aquisição de armamentos e reformas estruturais e pedagógicas do ensino militar na formação do oficial (CUNHA, 2011).

O quadro permanece inalterado para as escolas militares até a década de 1950, quando políticas públicas ampliaram as instituições militares com a posse do Ministro de Guerra General Teixeira, que promulgou a proposta pedagógica para a transmissão dos valores essenciais do militarismo: disciplina, hierarquia, ensino de qualidade e expansão das escolas e do ensino. Assim, acontece a transformação curricular e operacional dessas escolas, deixando de serem assistenciais para se tornarem sistemas educacionais, possíveis de se instalarem em todo o país, como forma de garantir o ensino militar à sociedade civil (CRUZ, 2017).

O exército passa a compreender o colégio militar como importante veículo de divulgação e de interação com a “sociedade civil”. Dentro desta ótica é que são fundados outros colégios militares, em grandes capitais do Brasil, mas em épocas e contextos diferentes, seguindo moldes do Colégio do Rio de Janeiro (VIANNA, 2001, p. 24).

A qualidade do ensino passada aos alunos do Colégio militar colheu seus primeiros frutos com a aprovação em massa de seus ex-alunos nas escolas politécnicas daquele período. Fato que fez a sociedade reconhecer o alto padrão educacional que esse modelo de ensino tinha alcançado e não demorou muito para o Exército brasileiro querer sua expansão. Sendo assim, o exemplo do Colégio Militar do Rio de Janeiro foi seguido e outros colégios militares foram criados no território nacional (VIANNA, 2001).

Ao longo do século XX, foram criados e fechados Colégios Militares em várias cidades brasileiras, de modo que hoje esse modelo, denominado Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), é composto por treze unidades no país, sob o controle da Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA), subordinada ao Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), em vários estados Brasileiros (CASTRO, 2016).

A organização político pedagógica dos Colégios Militares está subordinada às normas previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, e, trazem como principal objetivo o desenvolvimento de uma educação ligada aos costumes e tradições do exército brasileiro (LIMA, 2018).

É por meio da articulação da LDB 9.394/1996 e do R-69 que são planejadas e executadas as ações educacionais no SCMB. No entanto, cabe aqui ressaltar que cada unidade de CM tem liberdade e autonomia para criar e desenvolver estratégias de ensino que contemplem a realidade e as peculiaridades inerentes à comunidade à que pertencem, sendo assim, cada escola pertencente ao SCMB deverá seguir um Plano Geral de Ensino (PGE) (LIMA, 2018, p. 101).

É importante destacar que os primeiros colégios militares do país influenciaram o surgimento de projetos de militarização voltados para as escolas da rede pública de ensino em vários estados Brasileiros, como é o caso do Amapá, porém, as escolas militares são administradas pela Polícia Militar em parceria com a Secretaria de Educação do Estado e não fazem parte do sistema nacional dos Colégios Militares (LIMA, 2018).

3.3 COLÉGIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA GESTÃO DA POLÍCIA MILITAR

Os colégios administrados pela polícia militar nos estados brasileiros, por sua vez, não fazem parte de um sistema de modelo nacional. Suas formas de organização, regimento e currículo estão sujeitos a demandas e contingências locais, visto que cada polícia militar possui as prerrogativas sobre a construção do modelo em nível estadual (CASTRO, 2016).

Atualmente, a maior parte dos estados brasileiros possui escolas de Educação Básica geridas pela polícia militar, de modo que atualmente funcionam 93 colégios sob esse tipo de gestão, localizados em dezoito estados brasileiros. Os estados que primeiro criaram colégios da polícia militar foram Bahia (1957), Paraná (1959) e Pernambuco (1966) (CASTRO, 2016).

Nessa perspectiva, é correto afirmar que apesar de cada escola estadual militar obter o seu próprio padrão de instalação e ampliação, podemos perceber que todas elas levam em consideração a linha cultural do militarismo utilizado pelos Colégios Militares do Exército Brasileiro. Essa cultura militar é aplicada como prática pedagógica dentro de suas instituições de ensino (CASTRO, 2016).

Sendo assim, é importante afirmar que é o contexto de instauração e reprodução dos distintos modelos de escolas militares voltadas à Educação Básica que evidencia mais fortemente as diferenças de implantação. Contudo, as ligações e inspirações das escolas da Polícia Militar em relação aos Colégios do Exército são inegáveis pelos ethos identitário e pela cultura institucional do militarismo, que traz consigo uma visão de mundo sobre as relações no ambiente escolar distinta daquelas que guiam as práticas nas escolas públicas tradicionais (CASTRO, 2016, p. 35).

Como é possível perceber a partir das citações anteriores, é que a ligeira ampliação das escolas militares pelo estado de Goiás e outros ente federados decorre do “sucesso” da aprovação dos alunos dessas instituições nas universidades federais mais concorridas do Brasil. Os resultados extremamente positivos obtidos por esses alunos nas avaliações estaduais e nacionais como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), são admiradas por grande parte da sociedade, para qual esse sistema de ensino mostra a qualidade educacional tão sonhada para seus filhos e que não é encontrada nas demais escolas públicas estaduais (MARIA, 2018).

3.4 GOIÁS – PIONEIRO NA GESTÃO MILITAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS

Ao se abordar sobre o pioneirismo goiano na transferência de gestão civil para a gestão militar das escolas estaduais, salienta-se que a criação das primeiras escolas da polícia militar não diz respeito ao estado de Goiás, contudo, o processo de militarização de escolas públicas alcança seu ápice nas terras goianienses, culminando no pioneirismo expansionista desse modelo de escola por todo o estado e, servindo de inspiração para outros entes federados que almejam tal proposta educacional para o combate a violência, indisciplina e baixos índices de aprendizagem na avaliação do IDEB e do ENEM.

Em 1999, a Polícia Militar de Goiás recebe do Governo do Estado de Goiás a verba necessária para iniciar suas atividades escolares de Educação Básica com um corpo estudantil composto por 440 alunos, acomodados na própria Academia da Polícia Militar de Goiás. Com o corpo discente aumentando cada vez mais e com a respeitabilidade que o CPMG obteve após sua fundação, esse colégio transfere-se para uma sede fora dos muros da Academia da Polícia Militar, mas não fora de seus domínios e normas. Com isso amplia-se o número de alunos atendidos, o que possibilita ao CPMG, no ano 2000, conquistar um corpo docente de 1.700 alunos no Colégio Hugo de Carvalho Ramos, situado no Jardim Goiás (SANTOS, 2010).

O estado de Goiás nos últimos 5 anos transferiu a administração de várias escolas estaduais geridas pela Secretaria de Educação para o comando da Polícia Militar. Visando combater os crescentes índices de violência na periferia (MORETTI, 2019).

O modelo de escola militarizada superou todas as expectativas e apresentou os melhores índices de desempenho das escolas públicas do estado de Goiás, e, não demorou muito para esse fenômeno da militarização alcançar outros estados, especialmente do Norte e Centro-Oeste (MORETTI, 2019).

A grande maioria dos estados que utilizam essa nova pedagogia militar contam com uma ou duas escolas, o que caracteriza uma experiência mais pontual. Por outro lado, os estados do Rio Grande do Sul (sete colégios), Bahia (com treze), Minas Gerais (com vinte e dois), e Goiás (com vinte e seis) saem na frente dos outros estados pela amplitude do seu sistema educacional militarizado (MORETTI, 2019).

A implementação da primeira escola militar de Goiás só foi possível graças a criação de uma lei específica que favorecesse a permanência dos militares dentro da instituição de ensino, bem como o controle, supervisão e fiscalização do cumprimento das normas estabelecidas pelo regimento interno da escola (MARIA, 2018).

Em 1976, em plena ditadura militar, foi criado, no estado de Goiás, o Colégio Militar para a formação dos membros de sua corporação com sede em Goiânia, sem vínculo com o sistema educacional estadual. De acordo com informações colhidas no sítio de uma das escolas militares do estado, o então governador Irapuan Costa Júnior sancionou a Lei n. 8.125, que dispôs sobre a organização básica da Polícia Militar e, através de seu artigo 23, inciso I, alínea b, criou o colégio da Polícia Militar (CPM) (MARIA, 2018, p. 107).

Apesar da criação legal ter ocorrido ainda na ditadura militar, sua expansão como escola civil e pública só se efetivou na democracia representativa em recente conjuntura política. Antes disso, as escolas militares criadas na década de 1970, não foram criadas para atender civis, elas tinham um único e exclusivo objetivo: atendimento educacional aos filhos de oficiais pertencentes a polícia militar (MARIA, 2018).

A ideia de ampliação do público alvo para além dos dependentes dos militares só se efetivou em 1988. Segundo Castro (2016), o estado de Goiás se destacou, nesse sentido, por ter mais que dobrado o número de escolas que tinha até 2013 no intervalo de alguns poucos meses entre julho e dezembro do ano citado.

Militarização escolar como política educacional: O processo de entrega da administração de escolas da rede pública de ensino as corporações militares em todo o país têm crescido assustadoramente nos dias atuais, como já destacamos no capítulo anterior. Isso porque a evolução educacional que a prática pedagógica militar pode trazer, não diz respeito somente a qualidade do ensino-aprendizagem, disciplina, nacionalismo e etc., mas também, sustenta a ideia de uma nova política educacional de combate a violência que assim como as escolas militares, também tem crescido significativamente, como explica Garrido (2018, p. 5):

A preocupação com a violência escolar, no Brasil, não é injustificada. Seu impacto pode ser vislumbrado a partir de pesquisa realizada ao redor do mundo pela

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Neste levantamento, que envolveu mais de 100 mil professores e diretores do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio, contando com alunos de 11 a 16 anos, o Brasil apareceu na primeira colocação entre 34 países pesquisados (APUD OCDE, 2014)

Sobre este fato, Cunha aponta que

Um das justificativas utilizadas pelos militares e pelo próprio governo goiano de “militarizar” as escolas públicas surge do pressuposto de eliminar a violência que a escola estaria enfrentando com a marginalidade advinda da comunidade ao seu redor. Com isso, a gestão dos CPMG’s fortalece – apoiada pela mídia – a ideia de que apenas com a sua metodologia disciplinar resolveria esse “mal da sociedade”, tornando-se assim aceitos e requisitados pela população em virtude de concepções que excitam na mentalidade dos pais a convicção de que apenas esse modelo de escola pode educar adequadamente os seus filhos, evitando que os mesmos se tornem “marginais” (CUNHA, 2017, p. 7).

O processo crescente de violência escolar no Brasil sustenta o discurso favorável a militarização das escolas, porém, cabe lembrarmos que esse movimento de militarização da escola vai de contra a mão ao real papel do Estado no processo educacional da população, pois, o mesmo passa essa responsabilidade as instituições militares.

No Brasil em algumas ocasiões observa-se que problemas extremos, requerem soluções de caráter extremo. Indesejável entender que a escola pública vem sofrendo com a precariedade das políticas do Estado, haja vista as condições que se encontram a maioria das escolas públicas. Para não ser injusto com poucas “ilhas”, exceção que vez ou outra aparecem nos noticiários dando “faíscas” de esperança, no trabalho de Professores, Diretores e funcionários, que fazem verdadeiros milagres com seus alunos, em meio a ambientes com frequentes eventos de violência (CABRAL, 2018, p. 20)

É nesse cenário de precarização da educação básica que podemos perceber, como citado pelos autores acima, que a proposta de entregar a gestão das escolas públicas estaduais para a Polícia Militar tem ganhado cada vez mais apoio dentro da sociedade em geral. Como Virginia Melo, coordenadora do FEE-Goiás pronunciou em entrevista ao ANPED² no dia 03 de agosto de 2015:

[...] As famílias veem os Colégios Militares como locais em que seus filhos estarão seguros, protegidos da marginalidade e das drogas, e onde apreenderão não somente aquilo que é próprio das escolas ensinarem, mas também ou principalmente, a disciplina, a obediência, o respeito à hierarquia, valores que eles pais não estão conseguindo desenvolver nos filhos. Também os resultados objetivos apresentados

² A entrevista foi divulgada neste site: <http://www.anped.org.br/news/militarizacao-de-escolas-publicas-solucao>

pelas escolas militares nas avaliações externas são considerados bons, colocando em posição de excelência em relação às demais escolas, com uma alta taxa de aprovação nos vestibulares. As escolas militarizadas são bem estruturadas fisicamente, organizadas, e com todo o suporte necessário, tanto em relação aos ambientes escolares e materiais didáticos quanto à quantidade de pessoas que desempenham as atividades de coordenação, fiscalização, acompanhamento disciplinar, psicopedagógico e psicológico. E muitos professores, assustados com a violência cotidiana, e angustiados com o desempenho ruim de alunos desatentos, sem material adequado, sem apoio das famílias, são encantados com a possibilidade de poderem trabalhar com tranquilidade, sem se preocuparem com questões disciplinares, tendo toda uma equipe a dar sustentação à sua prática docente.

Em aspecto geral, a violência no ambiente escolar é um fato do cotidiano e faz parte do problema sócio-político do Brasil, da qual destaco: a miséria, a discriminação, a desigualdade e etc., não podemos generalizar, que todas as escolas que ficam em áreas de vulnerabilidade social tendem a refletir a violência da comunidade que ela está inserida, mas, nos levantamentos feitos e descritos até aqui fica evidente que o governo escolhe essas regiões pelo alto índice de criminalidade e baixo desempenho escolar. A militarização da escola seria dentro desse contexto uma estratégia favorável para que fosse possível proporcionar um ambiente benéfico à construção do saber. Afinal, a problemática da violência escolar segundo Paro (2017), passou a ser tratada como assunto de segurança pública e acabou fortalecendo os laços entre a Secretaria de Educação e de Segurança Pública em várias regiões do Brasil, principalmente nas periferias das grandes cidades.

De acordo com Zelato (2019), essas parcerias só foram possíveis graças ao Decreto nº 9.465, de 02/01/2019 que cria a Subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-Militares, dentro da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), da qual fica responsável pela criação de um novo formato na gestão educacional e na coordenação de programas pedagógicos que envolvam militares. Os estados e municípios se baseiam neste decreto mais atualizado para justificar todo o processo de militarização das escolas públicas com o propósito de reduzir a violência e melhorar o padrão de aprendizagem (VIANA, 2019).

3.5 O MODELO GOIANO IMPLANTADO NO ESTADO DO AMAPÁ

Esta nova proposta de ensino foi implantada pela primeira vez no estado do Amapá, em 2017, depois de firmado o acordo de cooperação entre a Secretaria Estadual de Educação e de Segurança Pública. Em Goiás, o ensino militar já é realidade há muitos anos. Geralmente, o projeto atende escolas de periferia e busca a partir de um rígido controle e padronização dos indivíduos melhorar a aprendizagem e o desempenho dos alunos.

O interesse em falar sobre a implementação da primeira escola da polícia militar em Macapá, surgiu, inicialmente, com o estágio supervisionado que fiz antes e depois da escola ser militarizada. Por conseguinte, tivemos no ano de 2018 as eleições para presidente e, umas das propostas do então candidato e atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro voltara-se para a educação, com ampliação das escolas militares por todo o país.

4 MEMÓRIAS DA IMPLEMENTAÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA MILITAR DO AMAPÁ

Neste capítulo mostra-se o planejamento metodológico estabelecido para orientar o alcance dos objetivos na busca das soluções aos problemas da investigação proposta, e em seguida, apresenta-se os resultados que foram obtidos com a realização dos procedimentos metodológicos.

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho foi baseado numa abordagem qualitativa, no intuito de analisar de que forma as personagens envolvidas na implantação e transformação de uma escola da rede pública a totalmente veiculada à gestão realizada pela polícia militar do Estado do Amapá.

O paradigma qualitativo segundo Minayo (2010, p. 34) se relaciona com “[...] análises da realidade sem ser quantificado, analisando as explicações e sentidos da realidade social”. Escolhida neste trabalho, por descrever uma pesquisa indutiva, isto é, o pesquisador desenvolve conceitos e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, ao invés de coletar dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos pré-concebidos.

Para buscar as informações empíricas necessárias para a pesquisa, foram entrevistados os sujeitos que contribuíram para tornar a Escola Estadual Antônio Messias Gonçalves a primeira escola militar do Amapá, estando na tabela 1 a apresentação da amostra da pesquisa de campo que foi realizada, sendo identificados por siglas e por ocupação à época da transformação da escola para gestão militar.

Tabela 1. Participantes da pesquisa.

Entrevistados		Ocupação que exerciam à época
1	GFM	Coordenadora de Projetos da PM
2	SMR	Chefe do Núcleo de Ensino Médio – NEM
3	NBE	Secretaria Escolar
4	WBN	Monitor
5	KBR	Diretor

Convém salientar que foi utilizada a entrevista como principal instrumento de coleta de informações com a amostra de participantes da pesquisa descrita na tabela 1. A entrevista foi escolhida por ser, segundo Gil (2010, p. 201) um “instrumento de pesquisa que possui” uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas pelos participantes e por não restringir tais respostas.

Após a realização das entrevistas cada fragmento da fala foi transcrito em tabelas, com a finalidade de organizar os dados para iniciar a análise dos resultados através da abordagem qualitativa, a qual segundo Gil (2010, p. 88) se refere à busca do entendimento das percepções de natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação, com as comparações das entrevistas, as contradições, e o que pôde ser compreendido a partir dela.

Assim, os dados obtidos com os relatos foram organizados em quadros relativos a cada categoria proposta, e em seguida, foi realizada sua análise a partir da relação com o referencial teórico adotado na pesquisa. Torna-se pertinente salientar que, nesse momento, os participantes da pesquisa foram identificados individualmente, por letras do alfabeto para garantir o anonimato dos mesmos.

4.2 RESULTADOS

4.2.1 Memórias das ações na fase projetual e atual da militarização na escola

Nesse momento, salienta-se que as os relatos que serão apresentados desse momento em diante referem-se as memórias de participação nas atividades de organização para transformar a gestão em militar na Escola Estadual Antonio Messias. Assim, apresenta-se no quadro 1 as respostas que foram coletadas com a pergunta 1: As escolas militares da PMAP e CBMAP foram implementadas ao mesmo tempo?

Quadro 1. Respostas à questão 1.

Participante	Resposta
GFM	<p><i>“[...] os projetos não andaram juntos..., tanto é que nós temos toda uma conjuntura, uma estrutura, uma especificidade que o bombeiro não exigiu da secretaria, eles ficaram com a EJA [...]. Então, desde de 11 agosto de 2016, a partir daí começou uma história de visita, de interação [...], no dia 8 de novembro foi a reunião com os professores, de 2016. Para apresentar o projeto. E dia 12 foi a audiência pública com a comunidade. Aí [...] no final do mês de outubro de 2016 eu e a capitã SBI nos reunimos ali na escola Antônio Castro só com as lideranças do bairro Zerão”.</i></p> <p><i>“Nós fomos pedir a benção das lideranças, a gente juntou todos, todos, todos e a gente mostrou todo o projeto e deixamos bem claro qual era nosso objetivo e falamos que se eles não nos apoiassem, dali a gente já pegava o violão e metia no saco e íamos embora. Aí nos apresentamos o projeto para todas as lideranças”.</i></p>
SMR	<p><i>“Não, cada escola... até por serem gestão compartilhada com instituições diferenciadas cada escola tem seu projeto.”</i></p> <p><i>“Na época nós recebemos aqui, eu recebi... o processo já no sentido de que fossem feitos alguns procedimentos pra que fosse dado início a instrução desses dois processos, tanto dá gestão militar compartilhada quanto do corpo de bombeiros. Então quando nós recebemos, nós recebemos no sentido de realizar reuniões no interior de cada escola, reuniões com a comunidade escolar, reuniões com as lideranças dos bairros de cada uma dessas escolas, audiência pública foram feitas. Então na época a demanda na verdade foi gerada a partir do programa de governo do atual governador do Estado do Amapá. Foi uma demanda que foi gerada para cada uma das instituições tanto pra polícia militar quanto para o corpo de bombeiros de que havia o interesse do governo do Estado em instalar essa gestão militar compartilhada e que havia a necessidade que dentro de cada uma dessas instituições fossem organizado grupos de trabalho pra levantar informações, estudos sobre as escolas no Brasil em que há... já ocorre essa política...”</i></p>

Os relatos evidenciam que a história possui uma peculiaridade, a participação da comunidade em todos os processos. Nas respostas fica evidente que essa participação acontece em todas as etapas de mudança da gestão, tanto que após um ano de atividades, os mesmos membros da comunidade (presidente da associação de moradores, das empregadas domésticas, presidente do conselho de segurança, um total de 20 pessoas) foram chamados para participarem da prestação de contas e onde os entrevistados confirmaram terem ouvido

dos líderes comunitários que o projeto de militarização servia à comunidade sobre diversos aspectos a serem comentados adiante. E os relatos evidenciam que a partir de 12 de novembro de 2015 em diante a proposta inicial sofreu poucas alterações.

As memórias reportadas nesse momento mostram a importância da pesquisa histórica para que seja possível entender as lembranças das ações do projeto e das ações após um ano de atividades da gestão militar, sem dúvida, não é uma tarefa das mais fáceis, pois o historiador lidará com acontecimentos sociais, manifestações culturais, hábitos e simbologias, poderá lidar com a falta de informação, a perda do foco da pesquisa e a dificuldade de responder sua problemática e atingir seus objetivos (VEYNE, 1971).

Portanto, “o desempenho diferenciado dos alunos de escolas militares em exames de proficiência como Prova Brasil e Enem tem dado força à visão de que essas instituições deveriam servir de referencial para as escolas públicas do Brasil” (RICCI, 2018, p. 2).

No quadro 2 foram apresentadas as respostas dos participantes relacionadas à pergunta 3 que apresentava o seguinte enunciado: Quais os motivos dessa militarização?

Quadro 2. Respostas à questão 3.

Participante	Resposta
GFM	<p><i>“Na verdade, nós lá polícia... porque eu trabalho há 3 anos na polícia. Eu sou servidora da educação, mas estou à disposição. Foi uma determinação que nós recebemos do governador. Então pra gente dentro da polícia, nós recebemos determinações, então... o governador durante a campanha dele, ele queria implantar no Amapá modelos de ensino que já existem em 19 estados, nós somos o 20º estado”.</i></p> <p><i>“Por que vem dando certo! Porque aqui a gente resgata valores que já se perderam até mesmo dentro da família, nós temos relatos aqui de alunos que não respeitavam os pais e agora respeitam, então, há um resgate de valores, de respeito. Então, na verdade nós recebemos uma determinação do governador que ele queria implantar o modelo, o que nós fizemos como pedagogas que fomos a SBI e eu, foi aprender com outros modelos para que o nosso modelo tivesse a cara do nosso povo, não era uma intervenção militar. Nós temos casos em Manaus que a polícia teve que entrar de sola</i></p>

	<i>dentro da escola porque o crime já estava lá dentro, o banditismo já estava lá dentro. Não era o nosso caso, mas a vontade que ele tinha é que fosse na periferia na cidade, ele não queria no centro. Então, ele escolheu o Bairro Zerão e ele escolheu o Bairro Renascer. Ele que escolheu essas duas distinções aqui. Então nós recebemos uma determinação e diante dessa determinação nós fomos fazer o que fomos mandados.”</i>
SMR	<i>“[...]em 2018 a escola praticamente ela zerou o abandono escolar que era uma taxa muito elevada. Quando a escola consegue promover a disciplina, aprendizagem e a permanência desse estudante dentro da escola, isso tem um reflexo muito positivo nos trabalhos que a escola realiza e claro, reflete também no resultado do Estado. Então, sim com certeza o modelo de gestão que foi implantado no sentido de se trabalhar aspectos como: civismo, disciplina, organização, planejamento que são elementos importantes dentro de cada escola vêm dando muito resultado. Então esse modelo que é desenvolvido com o auxílio da polícia militar dentro dessas instituições tem dado muito certo!”</i>

A resposta da policial militar e da representante da SEED mostra que os processos para garantir o sucesso de sua empreitada frutificassem aconteceram em virtude do apoio que possuíam da hierarquia militar e do governador, autoridade máxima do poder executivo. As determinações do governador foram essenciais para que realizassem o contato com a comunidade e apresentassem o modelo de educação e de gestão militar que seria implantado, modelo que já estava presente em 19 estados da nação e com resultados satisfatórios de rendimento constatados.

A militarização das escolas estaduais surge como resposta do governo ao crescente índice de violência no ambiente escolar, seja contra os professores, servidores e entre os próprios estudantes, além do tráfico de drogas. O argumento que se apresenta é de que as escolas, sob a gestão da Polícia Militar, são exemplos de disciplina, respeito, fim da violência e de melhoria do desempenho escolar. Além disso, as escolas estaduais selecionadas para serem militarizadas, localizam-se, em sua maioria, nas periferias, onde há um alto índice de violência, homicídios e tráfico de drogas e, ainda, baixos índices de desempenho escolar, principalmente, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) (CAMPOS, 2019, p. 10).

No Brasil, existem dois modelos de colégios sob gestão militar, o primeiro fica sob a responsabilidade do exército brasileiro e o segundo modelo esta sob o regime da Polícia

Militar do estado em que é implantado. Sendo adotado no Amapá, o modelo concebido pela polícia militar (CAMPOS, 2019).

Campos (2019) ao expor o modelo da polícia militar de Goiás, salienta ser um modelo de gestão compartilhada entre Secretaria Estadual de Educação e a Polícia Militar. Ressalta-se que a direção do colégio é de competência de um militar que, em sua grande maioria, não possui sequer nenhuma formação na área educacional. As escolas militares possuem alguma autonomia financeira, visto que recebem recursos da Secretaria Estadual de Educação e da Secretaria de Segurança Pública do Estado.

Além disso, dentro da própria instituição há a criação de uma associação de pais e mestres, em que os próprios pais de alunos participam ativamente dos processos que envolvem a aplicação, mensalmente, de uma "caixa escolar", em melhorias na instituição e o uso da verba para eventuais atividades extraclasse dos alunos, como excursões, passeios, etc. Assim, são utilizados projetos políticos pedagógicos próprios, cujos objetivos primordiais é o de otimização da disciplina como fator preponderante, em consonância aos princípios hierárquicos, promoção de valores éticos até a meritocracia (CAMPOS, 2019).

No quadro 3 foi apresentada a resposta da participante relacionada à pergunta 5 que apresentava o seguinte enunciado: Quais os impactos oriundos da implementação da escola militar na comunidade?

Quadro 3. Respostas à questão 5.

Participante	Resposta
GFM	<p><i>“De bate pronto, você pode entrevistar o dono dessa panificadora em frente a escola, ele já vai ter uma história pra ti contar, de como era antes, de como os meninos iam pra lá, de como eles ficavam lá, até da mudança de postura deles. A própria comunidade aqui, como é que eles passam aqui hoje, porque assim, o que acontece com o modelo, ao contrário do que muita gente pensa o maior foco dele é fortalecer a auto estima do aluno, é dar pra ele a noção de que ele pode, de que ele é capaz, tudo que ele quiser na vida dele, desde que ele tenha disciplina e comprometimento. Se ele souber respeitar o ambiente, respeitar as pessoas, respeitar espaço dele, ele vai ganhar uma sociedade que vai olhar pra ele de uma maneira mais justa, porque ele é capaz de respeitar o cachorro, respeitar a planta, respeitar o patrimônio alheio. Então essa sociedade vai olhar para esse aluno de maneira diferente, mas antes disso ele tem que se olhar”.</i></p>

	<p><i>“Hoje você vê meus meninos andando de cabeça erguida, eu tenho (cita nome de um aluno) era aluno de terceira série, chegou aqui vindo do interior do interior, mandava parecendo um bicho do mato, passou na ampla concorrência pra pedagogia na UNIFAP. Precisa vê como é que ele anda hoje, e eu brinco com eles, nessa escola ninguém baixa a cabeça, aqui a gente só baixa a cabeça pra amarrar o sapato. Eles sabem que se eles brigarem do lado de fora, eles vão responder aqui dentro. A gente já teve caso, no ano passado teve duas alunas que tentaram começar uma briga e foram contidas e a gente já convidou os pais para analisar se aqui era o melhor lugar para os seus filhos. Normalmente a gente sempre chama a família”.</i></p>
<p>SMR</p>	<p><i>“[...]no sentido do rendimento da escola. A escola apresentava um rendimento muito baixo considerando as demais escolas da rede e ela por exemplo... o ENEM, não existe ranqueamento do ENEM, o ENEM é uma nota individual de cada estudante, mas os Estados, os sistemas, as pessoas, a imprensa, eles fazem, acabam fazendo esse levantamento e aí a escola Antônio Messias antes, ela ocupava uma posição bastante negativa, os resultados eram muitos ruins e hoje ela está entre as 10.”</i></p>

Os relatos descritos no quadro 3 mostram que para os membros da polícia militar e para os responsáveis pela escola na SEED, os impactos oriundos da implementação da escola militar na comunidade foram muito positivos. As memórias enfatizam uma mudança na história dos alunos e da própria comunidade.

Em relação aos alunos as memórias descreveram impactos positivos no comportamento e na concepção de vida que passaram a ter no enfrentamento dos seus problemas sociais. Houve uma mudança plena da postura dos alunos, pois agora estão com sua autoestima melhorada graças ao trabalho dos policiais na escola e a mudança de tratamento com a concepção militar entre as pedagogias de ensino e aprendizagem. A filosofia pedagógico-militar se tornou um ponto fundamental na mudança de atitudes dos alunos, por exemplo: citam o fato de não abaixarem a cabeça para seus problemas e que só devem baixar a cabeça para amarrar os sapatos. O enfrentamento das questões problemáticas passou a ser trabalhada com empenho e frutificam na redução dos índices de violência em que

havia uma grande participação dos alunos da escola e melhora no rendimento de todos os alunos na escola e na relação com seus pais, familiares e comunidade como um todo.

O cotidiano do aluno é profundamente alterado e o aprendizado é substituído pela repressão e por normas rígidas de comportamento, na quase totalidade dos casos. Ele é obrigado a vestir o uniforme militar completo de estudante. Camisa para fora da calça pode gerar advertência. O corte de cabelo dos meninos segue o padrão militar e as meninas devem manter o seu preso. Esmalte escuro é proibido, assim como acessórios muito chamativos. Mascar chiclete, falar palavrão ou se comunicar com gírias também são práticas banidas da escola desde que ela se tornou militar. Ao chegarem à escola, o cumprimento passou a ser uma continência. Em seguida são perfilados em formação militar, seguida da revista de um coordenador de disciplina. Uma vez por semana há também a formação geral para cantar o Hino Nacional e o Hino à Bandeira, hasteada conforme manda o protocolo militar. Ao currículo oficial nacional os militares adicionaram aulas de música, cidadania, educação física militar, ordem unida, prevenção às drogas e Constituição Federal (RICCI, 2018, p. 2).

Em relação à comunidade, as respostas se embasam na citação de vários estabelecimentos comerciais vizinhos à escola, confirmando que agora seus empreendedores identificam uma mudança significativa e positiva na postura dos alunos no enfrentamento de seus problemas sociais, culturais e familiares. Agora eles possuem focos e motivos para alcançá-los. Por isso, citam casos de alunos que já conseguiram passar com notas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e se tornarem egressos em universidades concorridas e de ensino gratuito.

No quadro 4 foi apresentada a resposta da participante relacionada à pergunta 7 que apresentava o seguinte enunciado: Nós sabemos que existem alunos que estão aqui porque gostam da rotina militar, mas também sabemos que existem aqueles alunos que estão aqui obrigados pelos pais. Como a escola administra essa situação?

Quadro 3. Respostas à questão 5.

Participante	Resposta
GFM	<i>“Aí é um trabalho constante com a família, o tempo todo, todo hora, esse aluno alterou a gente chama a família, fazemos registros, todos os nossos alunos, atos aqui são registrados dentro do nosso regimento interno, dentro de toda a questão legal que nós temos, aí você pode ter certeza, é insistentemente. Se ele aprontar todo dia nós vamos o pai e a mãe dele todo santo dia aqui, o trabalho é com a família, ninguém joga o filho aqui e vai se embora não, aqui é constante. Já tivemos casos de pais que tiraram seus</i>

	<p><i>filhos daqui porque causa disso aqui já, mas a gente não abre mão que a família é a responsável pela criação do seu filho”.</i></p> <p><i>“Nós só estamos aqui para intermediar isso. Qual é o nosso papel? Nosso papel é fortalecer valores, é fortalecer significa que a família já deu pra ele e ensinar que é o grande papel da escola. Nós temos que ensinar, eu tento habilitar esse menino a enfrentar o ENEM com a cabeça erguida e sair daqui querendo conquistar o mundo. E ele sai daqui sabendo que ele pode conquistar o mundo”.</i></p>
--	---

O relato confirma que na Escola Estadual Antonio Messias o processo de transformação em escola gerenciada pelo modelo militar ainda possui divergências e protelações na comunidade e, no entendimento de alguns pais de alunos que não a concebem como benéficas para seus filhos, pois o seu regimento e sua forma de lidar com o ensino não articulam uma interação desalinhada da participação dos pais desses alunos.

Por isso, os policiais que realizam a gestão escolar constantemente chamam os pais dos alunos até a escola, com o intuito de orientá-los a melhor maneira de ajudar seus filhos. É uma nova concepção que não é amparada por muitos pais que não tiveram incentivos de seus genitores, mas os policiais não perdem o foco. E, como Campos (2019) postulou, as famílias entendem a importância da gestão militar da escola como benéfica:

As famílias veem os Colégios Militares como locais em que seus filhos estarão seguros, protegidos da marginalidade e das drogas, e onde aprenderão não somente aquilo que é próprio das escolas ensinarem, mas também ou principalmente, a disciplina, a obediência, o respeito à hierarquia, valores que eles pais não estão conseguindo desenvolver nos filhos (CAMPOS, 2019, p. 20).

Como dito na resposta da coordenadora, “nosso papel é fortalecer valores, e fortalecer significa que a família já deu pra ele e ensinar que é o grande papel da escola”. Dessa forma, ensinar, na proposta da escola militar, vai muito além da memorização dos conteúdos e fortalecimento do ensino tradicional, mas consiste-se em trabalho, concomitantemente, a perspectiva militar nas práticas pedagógicas, que poderão alterar o ritmo dos alunos para que novos valores surjam e possam ensejar em autoestima e visando a superação e alteração da cultura econômica do aluno e da família.

4.2.2 Memórias dos desafios para militarizar a escola, os alunos, a família e a comunidade.

Nesse momento, os relatos que serão apresentados desse momento em diante referem-se às memórias de participação nas atividades pedagógicas e militares na Escola Estadual Antonio Messias, esboçando considerações o processo de militarização na escola, a participação dos alunos, da família e os benefícios para a comunidade de entorno da escola. Assim, apresenta-se no quadro 5 as respostas que foram coletadas com a pergunta 1: Na sua opinião, o que motiva os pais a matricularem seus filhos na escola militar?

Quadro 5. Respostas à questão 1.

Participante	Resposta
NBE	<i>“A primeira coisa que eles procuram é segurança, né. Saber que os filhos estão, não sendo vigiados, mas que eles estão recebendo, [é...], instruções, estão sendo orientados, né, a agir de forma mais correta, mas eu, a palavra que vem mesmo é segurança”!</i>
WBN	<i>“Bom, a princípio a segurança que a escola dá pra comunidade e principalmente, para os alunos que estão mais próximos dos policiais, também, maior organização que há na escola, maior divisão de tarefas, a gente pode dizer assim, uma dinâmica bem organizada, o nível de cobrança que é feito pelos monitores-policiais para com os alunos e para com os pais, é realizada muita cobrança dos monitores, assim como também, a cobrança dos professores, destacando a coordenação pedagógica e até mesmo da direção. E, estamos aí realizando essa cobrança desse desvio de conduta dos alunos”.</i>
KBR	<i>“Muitos pais hoje procuram a escola em razão da segurança a própria segurança dos seus filhos e também pelos bons resultados que a escola vem apresentando desde 2017 com a implantação do modelo de ensino militar aqui no Amapá. A escola Antônio Messias foi a pioneira nesse processo, então desde 2017 a escola já obtém bons frutos desse projeto. Então os pais acabam procurando a escola pelo resultado e segurança que este local oferece.</i>

Os relatos transcritos no quadro 5 evidenciam memórias que confirmam que a segurança, na opinião dos entrevistados, tem sido o fator que os pais a matriculem seus filhos na escola militar.

O quadro 6 apresenta as respostas dos participantes que foram coletadas com a pergunta 3: A regra e a disciplina são métodos eficazes no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos?

Quadro 6. Respostas à questão 3.

Participante	Resposta
NBE	<i>“Eu vejo que não seria bem a palavra regra e disciplina, é... de disciplina todo mundo precisa, a gente precisar ser... é... eu acredito que são as rotinas, as rotinas são bem estabelecidas, então eu acredito que essas rotinas de forma organizada elas tem garantido essa eficácia”.</i>
WBN	<i>“Sim, ela tem que vim com certeza, elas são eficazes sim! O ambiente com regras, com a disciplina, ela vai com certeza ajudar na gestão do próprio aluno a se organizar pra estudar em casa. Essa questão é muito importante, sem dúvida”.</i>
KBR	<i>“Sim, o aluno acaba criando uma rotina de estudos. Aqui na escola por exemplo, na nossa dinâmica, o aluno só sai de sala com a ciência do professor. Então, ele permanece o tempo todo em sala de aula estudando, ele já cria uma dinâmica de organização e disciplina também, dos conteúdos que o professor tá trabalhando. É uma relação de professor aluno de respeito, que é estabelecido. Então tudo isso gera um fator positivo para ambos os lados. A gente observa muitos comentários dos pais, no sentido que, os próprios alunos também começam a se disciplinar fora do ambiente escolar. A gente trabalha na escola a questão da hierarquia, disciplina, do respeito, do civismo, mas por outro viés tem a questão da meritocracia, aqueles alunos que se destacam, que tiram boas notas, que tem bom comportamento, são condições favoráveis para representar a escola em determinadas cerimônias”.</i>

Os relatos transcritos no quadro 5 evidenciam postulados divergentes sobre regras e a disciplina como métodos eficazes no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos na escola

militarizada. A maioria dos entrevistados confirmou que a regra e a disciplina são métodos eficazes no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, e expõe vários motivos e exemplos para confirmarem a máxima de que o modelo de gestão militar justifica a mudança de atitudes dos alunos em relação à sua própria educação e que, progressivamente, vão adotando novas atitudes, influenciadas pelo militarismo, em sua vida cotidiana, com sua família e amigos.

Ainda é possível confirmar que as regras e a disciplina militares estão contribuindo para moldar o perfil dos alunos da Escola Estadual Antonio Messias, pois deixaram de ser irresponsáveis para começarem a adotar uma nova dinâmica, baseada no que aprende em sala de aula, com a relação amistosa do professor militar com os alunos, sendo este um fator positivo para que ambos possam ser bem veiculados na opinião dos pais e da própria comunidade, graças ao entendimento mútuo sobre hierarquia, disciplina, respeito, civismo, e, os vantagens da questão da meritocracia, em que os notáveis além de se destacar são reconhecidos e premiados.

Mas há opiniões que abordam a questão das regras e disciplinas de forma divergente à da maioria, pois consideram que o sucesso caracterizado à gestão militar da escolar, se deve, em tese, pelas rotinas escolares, que são bem estabelecidas, organizadas e estão garantindo a eficácia do processo ensino aprendizagem e da adoção de novas condutas por parte dos alunos da escola.

O quadro 7 apresenta as respostas dos participantes que foram coletadas com a pergunta 5: Qual a classe social predominante na escola militar hoje? Classe alta, Classe media ou Classe baixa?

Quadro 7. Respostas à questão 5.

Participante	Resposta
NBE	<i>“Hoje! [...] é a classe média, ela buscou a escola. Tanto que como a gente está no terceiro ano do projeto, então a gente teve que redefinir a forma de ingresso na escola, porque tava expulsando os que precisavam, classe baixa porque esse pai, ou ele é analfabeto, né, ou ele é criado com a avó, não conhece a tecnologia, então a classe média invadiu! Então, o que, que foi feito é uma readequação pra garantir que os moradores do bairro tivessem acesso, então houve uma publicação de um edital diferenciado para matrícula, garantindo 70% das vagas para moradores do bairro. É um pouco mesclado, mas a maior predominância é a classe baixa na escola,</i>

	<i>mas, existe alunos que são da classe média, é um percentual pequeno mas existe”!</i>
WBN	<i>“Bom, eu creio que seja a classe baixa, até mesmo porque nós tem muitos alunos que vem de outros bairros, de muito longe para ser matriculado aqui e acabaram não se adaptando, porque geralmente a escola recebe mais alunos próximos da comunidade, então a comunidade aqui do Zerão é sem dúvida uma comunidade, tem classe baixa, tem classe média. Então, são muito variadas. Basicamente, tem muito aluno que vem do congos, tem aluno que vem andando, vem realmente porque gosta da escola, vem aqui próximo do Zerão, Universidade. Então, eu creio que tem uma média assim balanceada, mas, antes teve um período que era mais classe baixa, hoje deve tá entre classe baixa e um pouco média, eu não sei mais ou menos mas, eu creio que a maioria é sem dúvida a classe baixa”.</i>
KBR	<i>“Hoje o público se enquadra na classe média, é um público que está se renovando, tanto é que uma das medidas adotadas pela gestão e pela própria secretária de educação, é que se tenha o edital específico para o ingresso nas escolas militares a partir do 6.º ano, pois eles disponibilizam 70% para a comunidade, [...] a gente observou que a própria comunidade não estava sendo atendida e o projeto, ele visa justamente a atender a comunidade, ofertar um ensino de qualidade, com disciplina, segurança para essas crianças que moram no bairro. [...] se quiser ingressar na escola é através do sistema da educação, o SIGEDUC ou através de sorteio do 6.º ano, só frisa aqui, o sorteio ocorre somente na série entrante, que é 6.º ano porque das demais séries, como a minha evasão é próximo de 0 e o meu abandono também, então o meu aluno ele migra de uma serie para outra, e ai são poucas vagas disponibilizadas para o sistema em torno de duas, três vagas”.</i>

Os relatos transcritos no quadro 7 evidenciaram que a classe social predominante na escola militar hoje é a classe média, mas os monitores da escola confirmam que a demanda tem sido grande e não tem sido suprida pela oferta de vagas, dessa forma, a gestão inovou e lançou um edital específico para o ingresso nas escolas militares a partir do 6.º ano, disponibilizando 70% das vagas para a comunidade, e não há reserva de vagas para filhos de

policiais ou qualquer outro público com vantagens históricas reconhecidas, caso de filhos de políticos. As respostas também confirmaram que a taxa de evasão na Escola Estadual Antonio Messias estão próximas de 0 e o abandono também, e os alunos em sua totalidade migram de uma série para outra, e restam poucas vagas para o sistema.

O quadro 8 apresenta as respostas dos participantes que foram coletadas com a pergunta 8: Que impactos tem uma formação educacional militar na vida de estudantes de escola pública?

Quadro 8. Respostas à questão 8.

Participante	Resposta
NBE	<i>“Não houve uma mudança da civil pra militar, o que aconteceu foi uma mudança na rotina [...], por exemplo, antes tinha muito furto, hoje as mochilas ficam na sala e não tem esse problema porque o respeito pelo espaço do outro é muito bem trabalhado, então assim, o colégio, ele é, na formação educacional, ela não é militar, ela é, assim, ela é uma formação educacional, eles tem acesso por que quem entra na sala de aula é o professor, não é o militar. A gestão é dividida comigo, eu sou pedagoga e gestora também, faço parte da equipe de gestão e eles são os militares que estão assim, é, cuidando muito mais da parte administrativa, por exemplo, eles cuidam da parte de recurso, eles administram as verbas, a parte de pessoal, mas, assim, é dividida a gestão”.</i>
WBN	<i>“Ela ajuda na formação sim! É inegável isso, podemos ver aí os resultados que o colégio vem trazendo para a comunidade, alunos daqui do colégio sendo aprovados no vestibular, em universidades, SISU e etc., então aqui é historicamente, esse pequeno período de gestão que a polícia militar tem demonstrado aqui neste colégio, vem demonstrando aí a importância da gestão aqui na comunidade, valorização do esporte, sem dúvida. Os atletas daqui são bem valorizados, premiados nacionalmente. Tem um aluno também, o (cita nome do aluno) que foi medalhista no interamericano de luta olímpica, então tem vários resultados, não só intelectual, mas também, na questão do esporte que é muito importante para o desenvolvimento desse aluno na vida social dele.</i>
KBR	<i>“A gente trabalha com rotina tantos os alunos do ensino fundamental quanto</i>

	<p><i>do ensino médio, a gente trabalha com rotina com esses alunos, e isso é muito importante porque cria uma disciplina neles de continuidade, chega um momento em que a monitoria só fica observando por que o aluno já segue aquela rotina pré-estabelecida em sala de aula, aqui ele tem o horário do lanche, tem o horário da biblioteca, então ele é bem cobrado quanto a estes quesitos e”.</i></p>
--	---

Os relatos transcritos no quadro 8 mostram que os impactos da escola militarizada na vida de estudantes acontece através da rotina, que é trabalhada desde que entram na escola, em cada disciplina, em cada matéria e com o auxílio da monitoria que observa e identifica as dificuldades dos alunos com a rotina, e assim, passa a corrigir os problemas persistentes com o reconhecimento, o prêmio e motivos que possam se transformar em motivações para não abandonar, e por essa perspectiva, as memórias confirmam que os alunos estão evadindo e abandonando menos as aulas na escola, são recompensados no horário do lanche, na biblioteca, enfim, uma nova concepção educacional para esses alunos que estavam no modelo de ensino tradicional.

Acresça-se o impacto da cultura militar na rotina escolar, que altera todos os processos comuns da escola pública e adota-se, surpreendentemente, o roteiro curricular normal com o roteiro da cultura militar, gerando mudanças significativas e produtivas nessa rotina escolar.

Os entrevistados, no quesito impactos da escola militarizada, reforçam a questão do esporte e sua inclusão na questão da meritocracia aliando o desenvolvimento do aluno. Os relatos evidenciam quem o rendimento dos alunos têm melhorado substancialmente, de maneira que alunos com históricos de agressividade e marginalidade passaram a se tornar alunos espetaculares, até porque um gatilho para essa mudança foi o esporte, tem alunos tanto em natação, luta olímpica que hoje é a chave de ouro da escola, são muitos alunos que se destacaram e inclusive já participaram de campeonatos fora do estado tendo chances inclusive de participar de torneios internacionais.

A escola Antônio Messias se destaca como a primeira escola a arrecadar basicamente todas as medalhas em todas as competições nacionais de natação. O trabalho militar acontece pela iniciação, no fortalecimento da base assim como o trabalho com a formação avançada que são os treinamentos de rendimento e de alto rendimento, capacitando o aluno para que ele possa participar de campeonatos tanto aqui no estado quanto fora.

Os relatos dos impactos positivos na educação dos alunos da Escola Estadual Antonio Messias também alcançaram os alunos com alguma deficiência, sendo que a totalidade desses

alunos especiais fazem as avaliações com os outros alunos normais, e ainda possuem um acompanhamento pedagógico especializado, podendo-se beneficiar o aluno com a presença de cuidadores para acompanhá-los na rotina escolar e na adaptação das atividades e também tem o professor do AEE que os auxilia a dar feedback no ajuste da disciplina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os objetivos da pesquisa foram atingidos, foi respondido o problema da pesquisa e confirmada a hipótese. As memórias das personagens envolvidas na implementação da primeira escola militar do Amapá, mostraram uma história de sucesso desde que as atividades se iniciaram na realidade da Escola Estadual Antonio Messias, e também são relatos que confirmam muitos impactos na rotina tanto dos alunos do ensino fundamental quanto dos alunos do ensino médio, por criar valores e disciplina, chegando ao ponto da monitoria só ficar observando por que o aluno já segue aquela rotina pré-estabelecida em sala de aula. Ademais, reduziu a 0 os índices de evasão e de abandono escolar.

Os objetivos específicos também foram atingidos. Através da revisão de literatura foi possível apresentar o conceito de região, regional e/ou local como categoria de metodologia de estudos históricos que podem auxiliar na compreensão de instituições e sua importância para a mudança social, cultural, econômica e histórica em uma determinada região (bairros, municípios, cidades, estados e nações).

Através da revisão de literatura foi possível também analisar a História da Educação Militarizada no Brasil pelos mecanismos de controle impostos pelas corporações militares dentro das instituições de ensino, visando moldar os sujeitos a partir da padronização e rígidas

regras de comportamento. Nessa perspectiva, o termo militarizar assume o sentido de adquirir feição e caráter militar. Em Goiás e no Amapá a militarização tem marcado na regionalidade a questão e os caminhos para tornar possível a gestão pela Polícia Militar de escolas pertencentes ao sistema público de ensino, com a gestão compartilhada.

Por fim, através da pesquisa de campo de tipo exploratória e abordagem qualitativa, conseguiu-se investigar as memórias das personagens envolvidas na implementação da primeira escola militar do Amapá, enfatizando como a nova proposta de ensino impactou a rotina escolar e a comunidade de entorno. As respostas foram organizadas em duas classificações: memórias das ações na fase projetual e atual da militarização na escola; e, memórias dos desafios para militarizar a escola, os alunos, a família e a comunidade.

Em relação às memórias das ações na fase projetual e atual da militarização na escola constatou-se que a participação da comunidade acontece em todas as etapas de mudança da gestão, tanto que após um ano de atividades, os mesmos membros da comunidade (presidente da associação de moradores, das empregadas domésticas, presidente do conselho de segurança, um total de 20 pessoas) foram chamados para participarem da prestação de contas e confirmaram o bem que a gestão compartilhada gerava à comunidade e alunos. Os processos de implantação só foram possíveis pelo apoio que possuíam da hierarquia militar e do governador, autoridade máxima do poder executivo. Os impactos oriundos da implementação da escola militar na comunidade foram muito positivos. As memórias enfatizam uma mudança na história dos alunos e da própria comunidade. Alguns pais de alunos não aceitaram no princípio, mas com o tempo reconheceram os benefícios na vida dos filhos.

Já sobre as memórias dos desafios para militarizar a escola, os alunos, a família e a comunidade, constatou-se relatos que a garantia da segurança tem sido o fator que os pais decidem para matricular seus filhos na escola militar. A regra e a disciplina são métodos eficazes no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, que deixaram de ser irresponsáveis para começarem a adotar uma nova dinâmica, baseada no que aprende em sala de aula, com a relação amistosa do professor militar com os alunos.

Por fim, concluiu-se que os impactos da escola militarizada na vida de estudantes acontece através da rotina, que é trabalhada desde que entram na escola, em cada disciplina, em cada matéria e com o auxílio da monitoria que observa e identifica as dificuldades dos alunos com a rotina, e assim, passa a corrigir os problemas persistentes com o reconhecimento, o prêmio e motivos que possam se transformar em motivações para não abandonar, e por essa perspectiva, as memórias confirmam que os alunos estão evadindo e abandonando menos as aulas na escola, são recompensados no horário do lanche, na

biblioteca, enfim, uma nova concepção educacional para esses alunos que estavam no modelo de ensino tradicional.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 460-475, 2006.

BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CABRAL, Jefferson Fernando Ribeiro. *A militarização da escola: um debate a ser enfrentado*. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação. Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2018. Disponível em: <<http://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2016/dissertacoes/mdh/jefferson-Fernando-Ribeiro-Cabral.pdf>>. Acesso: 24 de setembro de 2019.

CAMPOS, Valdisnei Martins de. *Reflexões sobre o modelo de gestão dos colégios militares do estado de Goiás*. 2019. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Ipameri, 2019.

CAPRINI, Aldieri; AMORIM, Braz. *Pesquisa em história regional: aspectos conceituais e metodológicos*. Disponível em: <<https://bit.ly/2UOSDi8>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Agricultura, escravidão e capitalismo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

CRUZ, Leandra Augusta de Carvalho Moura. Militarização das escolas públicas em Goiás: disciplina ou medo? 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

CUNHA Beatriz Rietmann Da Costa e. O Colégio Militar do Rio de Janeiro: o modelo para a expansão do ensino secundário militar (1889-1919). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH, São Paulo, jul. 2011, p. 1-16.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo: Edições 70, 1990.

LIMA, Maria Eliene. A educação para a cidadania e a militarização para a educação. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

LIMA, Maria Eliene. A educação para a cidadania e a militarização para a educação. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

MORETTI, Isabella. Militarização das escolas: entenda o que é e como funciona. Viacarreira.com, 1 de março de 2019. Disponível em: <https://viacarreira.com/militarizacao-das-escolas/>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. Educação militar: uma leitura da educação no sistema dos Colégios Militares do Brasil (SCMB). 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

NAVARRO, Azpilcueta et al. Cartas avulsas: 1550-1568. São Paulo: Edusp, 1988.

RICCI, Rudá. A militarização das escolas públicas. Sociologando.com.br, 31 de agosto de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2C68wKz>. Acesso em: 5 de julho de 2020.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. Revista Brasileira de História, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1990.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVEIRA, Rosa Maria. O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional. São Paulo: Moderna, 1984.

VEYNE, Paul. Como Se Escreve a História. Lisboa: Edições 70, 1971.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: A busca de Interfaces Metodológicas. Revista de História, v. 3, n. 1, p. 84-97, 1997.

APÊNDICE A

ENTREVISTA I

A MILITARIZAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO DO AMAPÁ: ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MESSIAS GONÇALVES DA SILVA (2015-2020)	
ENTREVISTADOR:	DEIVID DOS SANTOS RODRIGUES – DSR
DATA DA ENTREVISTA:	22 DE AGOSTO DE 2018
LOCAL DA ENTREVISTA:	E. E. PROF. ANTÔNIO MESSIAS
HORÁRIO DA ENTREVISTA:	14h50
ENTREVISTADO (A):	GENI FROTA MARTINS - GFM
OCUPAÇÃO:	COORDENADORA DE PROJETOS DA PM
PESQUISA:	
A pesquisa em questão busca a partir da mensagem emitida pelos sujeitos, esclarecer como se deu o processo de implementação da primeira escola da Polícia Militar no estado e entender o porquê desse acelerado processo de ampliação.	

PERGUNTAS E RESPOSTAS
<p>1. DSR – As escolas militares da PMAP e CBMAP foram implementadas ao mesmo tempo?</p> <p><i>GFM- Não, os projetos são diferentes. Eu posso lhe dizer da escola Antônio Messias mas não posso lhe dizer da do bombeiro...</i></p> <p><i>DSR- Ah, os projetos são diferentes? Então quer dizer que eu posso trabalhar só a questão da implementação da polícia militar?</i></p> <p><i>GFM- É a que eu posso lhe dizer, porque os projetos não andaram juntos..., tanto é que nós temos toda uma conjuntura, uma estrutura, uma especificidade que o bombeiro não exigiu da secretaria, eles ficaram com a EJA e nosso projeto não tem como metodologicamente abraçar a EJA, porque a educação de Jovens e adultos ela é destinada ao adulto e o adulto já está com a estrutura cognitiva dele solidificada. Toda essa parte, mais “irreviorista”, mas voltada pro desenvolvimento de uma rotina e de uma disciplina de respeito, ela precisa ser trabalhada com a criança. Então, desde de 11 agosto de 2016, a partir daí começou uma história de visita, de interação... eu vou lhe dar o exato dia da reunião com os professores, no dia 8 de novembro foi a reunião com os professores, de 2016. Para apresentar o projeto. E dia 12 foi a audiência</i></p>

pública com a comunidade. Aí bem aqui nas sombras, quando eu digo nas sombras, foi a grande esperteza que a gente teve, no final de outubro... esse aqui é um recorte que só existem testemunhas disso aqui, no final do mês de outubro de 2016 eu e a capitã Sara nos reunimos ali na escola Antônio Castro só com as lideranças do bairro Zerão. Nós fomos pedir a benção das lideranças, a gente juntou todos, todos, todos e a gente mostrou todo o projeto e deixamos bem claro qual era nosso objetivo e falamos que se eles não nos apoiassem, dali a gente já pegava o violão e metia no saco e íamos embora. Aí nos apresentamos o projeto para todas as lideranças...

DSR- É incrível como a história é totalmente diferente do que é contada.

GFM- É, essa daqui eu tenho testemunhas. Inclusive no início desse ano nós chamamos as mesmas lideranças para prestar contas, vieram e sentaram bem aqui e nós prestamos contas, essas mesmas pessoas que achavam que esse projeto servia. Então, antes de toda essa movimentação aqui da escola nós nos reunimos com o presidente da associação de moradores, das empregadas domésticas, presidente do conselho de segurança. Nós tínhamos ali cerca de 20 pessoas, aí nós apresentamos o projeto, quando nós chegamos, nessa audiência pública, já estava basicamente pacificado, por essas pessoas chamaram seus associados, espalharam e aí aconteceu. No dia 12 de novembro em diante nós só viemos aos poucos aqui modificando.

2. DSR- Quais os motivos dessa militarização?

GFM- Na verdade, nós lá polícia... porque eu trabalho há 3 anos na polícia. Eu sou servidora da educação, mas estou à disposição. Foi uma determinação que nós recebemos do governador. Então pra gente dentro da polícia, nós recebemos determinações, então... o governador durante a campanha dele, ele queria implantar no Amapá modelos de ensino que já existem em 19 estados, nós somos o 20º estado.

3. DSR- Por que essa metodologia militar vem dando certo?

GFM- Por que vem dando certo? Porque aqui a gente resgata valores que já se perderam até mesmo dentro da família, nós temos relatos aqui de alunos que não respeitavam os pais e agora respeitam, então, há um resgate de valores, de respeito. Então, na verdade nós recebemos uma determinação do governador que ele queria implantar o modelo, o que nós fizemos como pedagogas que fomos a Sara e eu, foi aprender com outros modelos para que o nosso modelo tivesse a cara do nosso povo, não era uma intervenção militar. Nós temos casos em Manaus que a polícia teve que entrar de sola dentro da escola porque o crime já estava lá dentro, o banditismo já estava lá dentro. Não era o nosso caso, mas a vontade que ele tinha é que fosse na periferia na cidade, ele não queria no centro. Então, ele escolheu o Bairro Zerão e ele escolheu o Bairro Renascer. Ele que escolheu essas duas distinções aqui. Então nós recebemos uma determinação e diante dessa determinação nós fomos fazer o que fomos mandados.

4. DSR- Quais são as perspectivas e desafios das Escolas Militares daqui em diante? Ampliação?

GFM- Isso aí é uma coisa que nós, os técnicos, a gente gostaria que não acontecesse por enquanto, nós gostaríamos de solidificar o modelo. Nós ainda estamos aprendendo com ele. Já teve assim, um debate pronto para implantação no Arinos, embora o Arinos hoje está muito bem estruturado porque tem a nossa experiência, mas nós gostaríamos

de ter aprendido mais, nós ainda estamos aprendendo, pra você ter uma noção todo dia no final do horário tem um feedback aqui, nós nos reunimos para saber como foi o dia, o que nós fizemos de certo, o que nós fizemos de errado. Todo santo dia tem aqui e tem na outra escola. E quais são as perspectivas de futuro que nós... a nossa é que nós esperássemos mais um tempo, pelo menos mais uns 2 anos, nós tecnicamente. Politicamente a gente já sabe que já tem a de Laranjal do Jari pra polícia. Quais são os desafios? O nosso desafio hoje, ele é extremamente cruel pra mim, porque o que que tá acontecendo, nossa escola está despontando pela qualidade e nós estamos atraindo uma clientela com uma renda um pouco mais alta, nós temos pessoas que estão tirando seus filhos das escolas particulares e trazendo pra cá. E elas estão num movimento que pra nós é muito ruim, porque elas querem mudar a escola. Essas pessoas estão trazendo seus filhos pra cá, para uma escola militar com a expectativa que eles vão vir aqui mudar a escola para seus filhos. E nós não vamos permitir. Então nosso grande desafio é continuar atendendo a clientela do Zerão, já que o sistema permite que qualquer pessoa com acesso a internet matricule uma criança aqui, e lamentavelmente, o público que nós estamos atraindo... quando eu digo lamentavelmente é porque eu entendo a escola pública para uma pessoa que de repente tenha um acesso mais difícil a educação, eu particularmente... eu falo isso com liberdade que eu tenho de expressão, me entristece... eu vejo um menino que tem uma renda maior, uma condição melhor... e eu vejo o pai tomar aqui a vaga de um que está bem aqui na portinha, e eu quero atender ele.

5. DSR- Quais os impactos oriundos da implementação da escola militar na comunidade?

GFM- De bate pronto, você pode entrevistar o dono dessa panificadora em frente a escola, ele já vai ter uma história pra ti contar, de como era antes, de como os meninos iam pra lá, de como eles ficavam lá, até da mudança de postura deles, a própria comunidade aqui, como é que eles passam aqui hoje, porque assim, o que acontece com o modelo, ao contrário do que muita gente pensa o maior foco dele é fortalecer a auto estima do aluno, é dar pra ele a noção de que ele pode, de que ele é capaz, tudo que ele quiser na vida dele, desde que ele tenha disciplina e comprometimento. Se ele souber respeitar o ambiente, respeitar as pessoas, respeitar espaço dele, ele vai ganhar uma sociedade que vai olhar pra ele de uma maneira mais justa, porque ele é capaz de respeitar o cachorro, respeitar a planta, respeitar o patrimônio alheio. Então essa sociedade vai olhar para esse aluno de maneira diferente, mas antes disso ele tem que se olhar. Então hoje você vê meus meninos andando de cabeça erguida, eu tenho Elielson, Elielson era aluno de terceira série, chegou aqui vindo do interior do interior, mandava parecendo um bicho do mato, passou na ampla concorrência pra pedagogia na UNIFAP. Precisa vê como é que ele anda hoje, e eu brinco com eles, nessa escola ninguém baixa a cabeça, aqui a gente só baixa a cabeça pra amarrar o sapato.

6. DSR- E a violência dentro da escola?

GFM- aqui dentro é zero.

DSR- E fora?

GFM- eles sabem que se eles brigarem do lado de fora, eles vão responder aqui dentro.

A gente já teve caso, no ano passado teve duas alunas que tentaram começar uma briga e foram contidas e a gente já convidou os pais para analisar se aqui era o melhor lugar para os seus filhos. Normalmente a gente sempre chama a família. O Seu filho vai se adaptar, é aqui? Nós tivemos um pai hoje, que fez um escândalo porque a gente chama por qualquer besteira, é nós chamamos sim porque a família é responsável.

7. DSR- Nós sabemos que existem alunos que estão aqui porque gostam da rotina militar, mas também sabemos que existem aqueles alunos que estão aqui obrigados pelos pais. Como a escola administra essa situação?

GFM- Aí é um trabalho constante com a família, o tempo todo, todo hora, esse aluno alterou a gente chama a família, fazemos registros, todos os nossos alunos, atos aqui são registrados dentro do nosso regimento interno, dentro de toda a questão legal que nós temos, aí você pode ter certeza, é insistentemente. Se ele aprontar todo dia nós vamos o pai e a mãe dele todo santo dia aqui, o trabalho é com a família, ninguém joga o filho aqui e vai se embora não, aqui é constante. Já tivemos casos de pais que tiraram seus filhos daqui porque causa disso aqui já, mas a gente não abre mão que a família é a responsável pela criação do seu filho. Nós só estamos aqui para intermediar isso. Qual é o nosso papel? Nosso papel é fortalecer valores, é fortalecer significa que a família já deu pra ele e ensinar que é o grande papel da escola. Nós temos que ensinar, eu tento habilitar esse menino a enfrentar o ENEM com a cabeça erguida e sair daqui querendo conquistar o mundo. E ele sai daqui sabendo que ele pode conquistar o mundo.

ENTREVISTA II

A MILITARIZAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO DO AMAPÁ: ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MESSIAS GONÇALVES DA SILVA (2015-2020)	
ENTREVISTADOR:	DEIVID DOS SANTOS RODRIGUES – DSR
DATA DA ENTREVISTA:	18 DE SETEMBRO DE 2019
LOCAL DA ENTREVISTA:	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SEED
HORÁRIO DA ENTREVISTA:	09h00
ENTREVISTADO (A):	SARA DAS MERCÊS RIBEIRO - SMR
OCUPAÇÃO:	CHEFE DO NÚCLEO DE ENSINO MÉDIO - NEM

PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. DSR – A escola da Polícia militar e dos Bombeiros fazem parte do mesmo projeto?

SMR- Não, cada escola... até por serem gestão compartilhada com instituições diferenciadas cada escola tem seu projeto.

2. DSR- O ano que foi montado o projeto? Como foi feito a pesquisa? Como foi feito o levantamento para se chegar a um resultado final?

SMR- Na época nós recebemos aqui, eu recebi... o processo já no sentido de que fossem feitos alguns procedimentos pra que fosse dado início a instrução desses dois processos, tanto dá gestão militar compartilhada quanto do corpo de bombeiros. Então quando nós recebemos, nós recebemos no sentido de realizar reuniões no interior de cada escola, reuniões com a comunidade escolar, reuniões com as lideranças dos bairros de cada uma dessas escolas, audiência pública foram feitas. Então na época a demanda na verdade foi gerada a partir do programa de governo do atual governador do Estado do Amapá. Foi uma demanda que foi gerada para cada uma das instituições tanto pra polícia militar quanto para o corpo de bombeiros de que havia o interesse do governo do Estado em instalar essa gestão militar compartilhada e que havia a necessidade que dentro de cada uma dessas instituições fossem organizado grupos de trabalho pra levantar informações, estudos sobre as escolas no Brasil em que há... já ocorre essa política...

DSR- Aí foi feita a visita técnica?

SMR- Isso, dentro de cada uma dessas instituições, polícia militar e corpo de bombeiros, servidores dessas instituições realizaram visitas técnicas em Estados fora daqui do Amapá para conhecer. A partir daí começaram então a organizar uma proposta e a demanda também, ela foi observada, pelo sentido de que as escolas com gestão militar compartilhada deveriam ser escolas na área periférica da cidade.

DSR- pra ter um maior impacto social, né?! Porque tem programas dentro da polícia militar como por exemplo, peixinhos voadores, PROERD e outros programas que podem atender a comunidade onde a escola militar está inserida. E o ano que foi montado o projeto?

SMR- Foi tudo em 2016, segundo semestre de 2016 e em 2017 iniciou.

3. DSR- Qual o futuro do projeto de gestão compartilhada?

SMR- Olha, na época a gente trabalhou nessa comissão em particular atendendo a uma determinação aqui da secretaria de educação trabalhando com essas duas escolas. Depois veio a terceira escola que foi a Afonso Arinos e de lá pra cá a agente não teve mais nenhum trabalho nessa direção enquanto eu aqui como servidora. Então assim, não posso te falar se vai haver uma ampliação ou não.

4. DSR- Você acha que a escola militar alcançou o objetivo esperado?

SMR- Sim, principalmente a escola Antônio Messias que é a que estamos falando. Houve sim uma melhora significativa, principalmente, no sentido do rendimento da escola. A escola apresentava um rendimento muito baixo considerando as demais escolas da rede e ela por exemplo... o ENEM, não existe ranqueamento do ENEM, o ENEM é uma nota individual de cada estudante, mas os Estados, os sistemas, as

peçoas, a imprensa, eles fazem, acabam fazendo esse levantamento e aí a escola Antônio Messias antes, ela ocupava uma posição bastante negativa, os resultados eram muitos ruins e hoje ela está entre as 10. E também, em 2018 a escola praticamente ela zerou o abandono escolar que era uma taxa muito elevada. Quando a escola consegue promover a disciplina, aprendizagem e a permanência desse estudante dentro da escola, isso tem um reflexo muito positivo nos trabalhos que a escola realiza e claro, reflete também no resultado o Estado. Então, sim com certeza o modelo de gestão que foi implantado no sentido de se trabalhar aspectos como: civismo, disciplina, organização, planejamento que são elementos importantes dentro de cada escola vêm dando muito resultado. Então esse modelo que é desenvolvido com o auxílio da polícia militar dentro dessas instituições tem dado muito certo!

ENTREVISTA III

A MILITARIZAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO DO AMAPÁ: ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MESSIAS GONÇALVES DA SILVA (2015-2020)	
ENTREVISTADOR:	DEIVID DOS SANTOS RODRIGUES – DSR
DATA DA ENTREVISTA:	09 DE MARÇO DE 2020
LOCAL DA ENTREVISTA:	E.E. PROF. ANTÔNIO MESSIAS
HORÁRIO DA ENTREVISTA:	09h00
ENTREVISTADO (A):	NILZANA BRAGA ESTEVES
OCUPAÇÃO:	SECRETÁRIA ESCOLAR

PERGUNTAS E RESPOSTAS
<p>1. DSR - Quando se fala de escolas militares, o que vem a sua cabeça? <i>NBE- Disciplina! Disciplina, é só isso?</i> <i>É, organização, respeito!</i></p> <p>2. Na sua opinião, o que motiva os pais a matricularem seus filhos na escola militar? <i>NBE- A primeira coisa que eles procuram é segurança, né. Saber que os filhos estão... não sendo vigiados, mas que eles estão recebendo, é..., instruções, estão... sendo orientados, né... a agir de forma mais correta... mas eu... a palavra que vem mesmo é segurança!</i> <i>(DSR-Você acha que o projeto das escolas militares tem o propósito de diminuir a violência escolar?)</i> <i>Eu acho que não é esse o propósito, de diminuir, é... na verdade é... pelo menos o que eu observo aqui, eles buscam dar suporte, tanto que a monitoria dá todo um suporte pro professor, para o professor ter mais tranquilidade em ensinar.</i></p>

3. DSR- A regra e a disciplina são métodos eficazes no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos?

NBE- Eu vejo que não seria bem a palavra regra e disciplina, é... de disciplina todo mundo precisa, a gente precisar ser... é... eu acredito que são as rotinas, as rotinas são bem estabelecidas, então eu acredito que essas rotinas de forma organizada elas tem garantido essa eficácia.

4. DSR-Quais as ações dessa nova gestão escolar você acredita que contribuem para os bons resultados obtidos pelos alunos da Escola Militar?

NBE- eles tem uma rotina bem organizada, é... a escola... o planejamento acontece da forma que é posta, não existe desvio, os alunos tem aulas todos os dias, não existe ausência de professor e quando existe essa ausência eles conseguem administrar de forma que não fique lacunas, então... eu acredito que é isso!

5. DSR-Qual a classe social predominante na escola militar hoje?

- a) Classe Alta
- b) Classe Média
- c) Classe Baixa

NBE- hoje, ah sim... existiu... no início o projeto era PAIS! E aí com a repercussão da escola, é... a classe média, ela buscou a escola. Tanto que como a gente está no terceiro ano do projeto, então a gente teve que redefinir a forma de ingresso na escola, porque tava expulsando os que precisam, classe baixa porque esse pai, ou ele é analfabeto, né, ou ele é criado com a avó, não conhece a tecnologia, então a classe média invadiu!

Então, o que, que foi feito é... uma readequação pra garantir que os moradores do bairro tivessem acesso, então... houve uma publicação de um edital diferenciado para matrícula, garantindo 70% das vagas para moradores do bairro é... então assim, é um pouco mesclado, mas a maior predominância é a classe baixa na escola, mas, existe alunos que são da classe média, é um percentual pequeno mas existe!

6. DSR-Que escola e que formação você deseja para seus filhos?

NBE- o meu filho inclusive, ele estuda na escola. Ele estuda aqui porque eu trabalho aqui, então pra mim é mais fácil ele está no mesmo espaço que eu estou. É... eu desejo que ele seja responsável, mas isso ele aprende em casa, a responsabilidade. A gente sempre teve rotina, então ele não teve dificuldade de participar do projeto porque já tinha rotina em casa. Ele se adaptou bem, ele gosta, então não foi diferente. Lá ele faz as coisas, tem hora pra acordar, hora pra dormir, hora de comer, então ele já tinha rotina. Então... é assim, eu desejo que ele seja alguém, um ser humano responsável que respeite o espaço do outro, que tenha empatia pelo outro, e, eu percebo que aqui ele consegue... na verdade aqui é uma extensão do que ele já aprende em casa.

7. DSR-Qual qualidade a sociedade em geral almeja em uma escola pública?

NBE- É... eu penso que, o que se almeja em uma escola pública é garantias de direitos e

igualdade né, ter acesso a um ensino de qualidade, ter excelentes professores, professores respeitados. Eu vejo aqui que os professores são diferentes das outras escolas que eu observo, a figura do professor aqui, ela é bastante valorizada, pelo menos eu percebo que eles se sentem. Até a forma como meu filho traz pra mim as notícias. Então eu acho que é uma escola que garanta direitos de igualdade na qualidade!

8. Que impactos tem uma formação educacional militar na vida de estudantes de escola pública?

NBE- Não houve uma mudança da civil pra militar, é... o que aconteceu foi uma mudança na rotina mas a formação... tanto que quem... a formação educacional ela é civil, eles tem rotina, é... é... assim, de entrar, de respeitar o professor, de respeitar o espaço do outro, por exemplo, antes tinha muito furto, hoje as mochilas ficam na sala e não tem esse problema porque o respeito pelo espaço do outro é muito bem trabalhado, então assim, o colégio... ele é... na formação educacional, ela não é militar, ela é... assim, ela é uma formação educacional, eles tem acesso por que... quem entra na sala de aula é o professor, não é o militar. A gestão é dividida comigo, eu sou pedagoga e gestora também, faço parte da equipe de gestão e eles são os militares que estão assim é... cuidando muito mais da parte administrativa, por exemplo, eles cuidam da parte de recurso, eles administram as verbas, a parte de pessoal é... mas assim, é dividida a gestão.

9. Se o colégio militar é destacado como escola de qualidade, o que dizer das escolas estaduais do Amapá que não possuem termo de cooperação técnica com as forças de segurança?

NBE- Sabe porque funciona aqui? É porque existe um planejamento, é... existe diretrizes, regimento, regulamento, então assim, é muito claro o que eles tem que fazer. Poderia dar certo, eu acredito que algumas escolas não dão certo porque é mal administrada o recurso, falta merenda, o aluno volta pra casa, então seria estranho uma escola militar, assim... desvio de verba da merenda de uma escola militar né! Então é meio estranho... mas assim, não falta merenda, os professores tem o material que eles necessitam, eles tem alguém pra dar suporte, então assim, em uma escola civil poderia acontecer da mesma forma mas a questão da violência talvez iniba... é... porque tem a presença do militar é dá a ideia de segurança, mas uma escola consegue, já trabalhei em uma escola, o Augusto Antunes em Santana quando não era em tempo integral que funcionava direitinho, não era militar, mas assim, porque a gestão era comprometida. Ela fazia funcionar bem, os professores tinham toda a assistência que eles precisavam

para ocupar o espaço da sala de aula e lecionar. E eles discutiam, os professores aqui eles participam do planejamento. Então eu acho que a diferença está na gestão mesmo!

10. Será que a atenção especial que as escolas militares recebem hoje não acaba desvalorizando a escola pública? Atribuindo a ela um lugar social marginalizado?

NBE- Na verdade, não existe essa atenção especial. Existe profissionais comprometidos e que as vezes tiram até do seu próprio bolso para continuar existindo. Então não existe essa atenção por parte do governo, tanto que a gente tem carência de professores e por isso a gente tem que correr atrás. O recurso é o mesmo das escolas públicas não militares, porém a forma de administrar ele que é diferente. Então assim, a gente divide muito as atribuições aqui, enquanto o diretor vai pra SEED “brigar pra lá”, a gente fica aqui resolvendo as demandas daqui é..., eu acho que a gestão ajuda muito. A mídia enaltece, mas assim, é uma questão midiática mesmo, mas a realidade daqui a gente não tem essa atenção especial não, não tem mesmo!

(Complemento)

DSR- você é a favor ou contra a militarização de escolas públicas?

NBE- olha, eu não acredito que aqui está acontecendo uma militarização da escola pública. Não é o caso daqui, o projeto é uma gestão compartilhada. Ah, não ser que de repente decidam em um programa de governo que não precisamos mais de uma gestão compartilhada, ou ela se transforma em civil ou totalmente militar. Mas assim, eles não tomaram o espaço da escola, pelo contrário, eles estão aqui para dar suporte aos professores. As pessoas acreditam que o professor deve obedecer ao militar, mas não é assim que acontece, existe um respeito mútuo. O professor é muito mais valorizado, o professor tem total liberdade para planejar suas aulas sem interferências externas. A única diferença com os alunos é que eles têm ordem unida, o corte do cabelo, padronização, civismo... mas tirando isso, a parte humana, a empatia, ela acontecesse de forma normal, de forma tranquila!

ENTREVISTA IV

A MILITARIZAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO DO AMAPÁ: ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MESSIAS GONÇALVES DA SILVA (2015-2020)	
ENTREVISTADOR:	DEIVID DOS SANTOS RODRIGUES – DSR
DATA DA ENTREVISTA:	14 DE MARÇO DE 2020
LOCAL DA ENTREVISTA:	E.E. PROF. ANTÔNIO MESSIAS
HORÁRIO DA ENTREVISTA:	14h00
ENTREVISTADO (A):	WANDERLI BRAGA NUNES - WBN
OCUPAÇÃO:	MONITOR

PERGUNTAS E RESPOSTAS
<p><i>Bom, boa tarde a todos. Estou aqui na escola Antônio Messias que é o meu objeto de estudo do meu projeto de pesquisa sobre a implementação das escolas militares. E hoje, estou aqui entrevistando o sargento Wanderli que vai falar um pouco pra gente sobre essa questão da Escola Militar, da gestão militar, e, eu preparei uma bateria de 10 perguntas, fiz um roteiro semiestruturado da qual ele vai responder pra mim agora. Então a primeira pergunta é:</i></p> <p>1. DSR – Quando se fala em Escolas Militares, o que vem a sua cabeça? <i>WBN- Bom, primeira coisa que vem é a questão da gestão de militares, de um militar à frente da escola. É isso que vem à cabeça. A gente vê aí então que a escola vai ter uma direção de um militar.</i></p> <p>2. DSR- Na sua opinião, o que motiva os pais a matricularem seus filhos na escola militar? <i>WBN- Bom, a princípio a segurança que a escola dá pra comunidade e principalmente, para os alunos que estão mais próximos dos policiais, também, maior organização que há na escola, maior divisão de tarefas, a gente pode dizer assim, uma dinâmica bem organizada, o nível de cobrança que é feito pelos monitores-policiais para com os alunos e para com os pais, é realizada muita cobrança dos monitores, assim como também, a cobrança dos professores, destacando a coordenação pedagógica e até mesmo da direção. E, estamos aí realizando essa cobrança desse desvio de conduta dos alunos.</i></p> <p>3. DSR- A regra e a disciplina são métodos eficazes no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos? <i>WBN- Sim, ela tem que vim com certeza, elas são eficazes sim! O ambiente com regras, com a disciplina, ela vai com certeza ajudar na gestão do próprio aluno a se organizar pra estudar em casa. Essa questão é muito importante, sem dúvida.</i> <i>DSR- Colocar o aluno em uma rotina padronizada faz com que ele tenha mais</i></p>

responsabilidade com os estudos.

WBN- *Principalmente porque os alunos quando aqui chegam, pela primeira vez, muitos são de comunidades... bem necessitados, digamos assim, não tem uma estrutura familiar, não tem um pai, ou não tem uma mãe, não tem um lar, digamos assim, muito bem estruturado, aí não há regras. Quando eles chegam aqui não tem regras, não tem horário pra comer, não tem horário pra fazer as tarefas ou seja, eles não tem uma rotina, não tem nada. Então aqui... isso sem dúvida, é o ponta pé aí pra que tragam uma melhoria na educação desses alunos.*

4. DSR- Quais as ações dessa nova gestão escolar você acredita que contribuem para os bons resultados obtidos pelos alunos da Escola Militar?

WBN- *Bom, vou te falar assim que a primeira coisa é a rotina que eles devem cumprir aqui dentro do colégio militar, horário de chegada, tem a questão do corte de cabelo, eles devem cortar o cabelo dia 5 e dia 20, todo dia 5 e dia 20 tem que se apresentar com o cabelo cortado, tem que tá com a unha limpa, tem que tá higienizado justamente para evitar doenças, no caso, até para melhorar a educação em si né... a saúde dele, do aluno que é a nossa preocupação. E a nossa preocupação é essa, que melhore o ensino, se preocupar com a saúde, com a limpeza dele, aí o aluno que não tem nenhuma higiene em casa, digamos assim, acaba tendo uma rotina melhor aqui na escola.*

5. DSR- Qual a classe social predominante na escola militar?

- a) Classe Alta
- b) Classe Média
- c) Classe Baixa

WBN- *Bom, eu creio que seja a classe baixa, até mesmo porque nós... tem muitos alunos que vem de outros bairros né... de muito longe para ser matriculado aqui e acabaram não se adaptando, porque é... geralmente a escola recebe mais alunos próximos da comunidade, então a comunidade aqui do zero é sem dúvida uma comunidade... tem classe baixa, tem classe média. Então, são muito variadas. Basicamente, tem muito aluno de vem do congos, tem aluno que vem andando né... vem realmente porque gosta da escola, vem aqui próximo do zero, universidade. Então, eu creio que tem uma média assim balanceada, mas, antes teve um período que era mais classe baixa, hoje deve tá entre classe baixa e um pouco média, eu não sei mais ou menos mas, eu creio que a maioria é sem dúvida a classe baixa.*

6. DSR- Que escola e que formação você deseja para seus filhos?

WBN- *Eu desejo uma educação com bons professores, com bons profissionais dentro do ambiente escolar, com uma segurança né... escola com segurança e uma que tenha também um ambiente agradável para o aprendizado, um ambiente que propicie uma maior aprendizagem do meu filho.*

7. DSR- Qual qualidade a sociedade em geral almeja em uma escola pública?

WBN- *Eu creio que a sociedade em determinado ponto exige muito a nota, em*

determinado ponto também o aprendizado, o nível de aprendizado do aluno e eu acho também a questão da transformação social, de o aluno ser transformado dentro do colégio para que ele possa transformar e mudar o seu ambiente escolar, ser preparado aí para a sociedade, creio que a sociedade quer o aluno preparado para... cresça preparado para o mundo de hoje.

8. DSR- Que impactos tem uma formação educacional militar na vida de estudantes de escola pública?

DSR- porque a gente sabe que antes tinha aqui uma escola estadual que não tinha caráter militar, depois de 2017 foi implementada a escola militar, ouve uma mudança de rotina e eu gostaria de saber de você um seguinte: Essa rotina militar ajuda na formação dos estudantes?

WBN- Ela ajuda na formação sim! É inegável isso, podemos ver aí os resultados que o colégio vem trazendo para a comunidade, alunos daqui do colégio sendo aprovados no vestibular, em universidades, SISU e etc., então aqui é historicamente... esse pequeno período de gestão que a polícia militar tem demonstrado aqui neste colégio, vem demonstrando aí a importância da gestão aqui na comunidade, valorização do esporte, sem dúvida. Os atletas daqui são bem valorizados, premiados nacionalmente. Tem um aluno também, o Ruan que foi medalhista no interamericano de luta olímpica, então tem vários resultados, não só intelectual, mas também, na questão do esporte que é muito importante para o desenvolvimento desse aluno na vida social dele.

9. DSR- Se o Colégio Militar é destacado como escola de qualidade, o que dizer das escolas estaduais do Amapá que não possuem termo de cooperação técnica com as forças de segurança?

WBN- Eu creio que, ao meu ponto de vista seria o comportamento dos funcionários, da mobilização dentro do ambiente escolar, eu acho que é isso que tá faltando para as outras escolas. Eu creio que seja isso! E a questão da maior mobilização social, de forma... como é feito aqui né, e talvez, maior organização, maior número de regras que nós prezamos por seguir, por também fazer cumprir aqui na escola, então temos muitas tarefas, muitas funções para cumprir e também, conseguimos dividir bem as tarefas para que não fique pesada para todo mundo. Tendo maior trabalho, dedicação de cada funcionário, de cada funcionário, de cada monitor-policial, executando aí as tarefas aqui do colégio e que tem trazido resultado. São muitas tarefas que nós executamos aqui, são muitas atribuições na questão de regras, são muitas regras, tem o regulamento disciplinar escolar, temos também a questão do regulamento do uniforme, então são muitas regras, a questão do livro de turma, que é um livro que é preenchido pelo chefe

de turma, que é a questão das alterações na sala de aula. Então são muitas regras que nós... pequenas atitudes que eles fazem de errado assim, em uma escola normal eles falam assim: “ah, deixa pra lá”, nós aqui na escola militar não, fez alguma coisa errada, não é besteira pra gente. Então a gente tenta trazer essa conduta errada e colocar num certo patamar de importância para que não seja repetida. A gente chega com o aluno e fala: “olha, essa conduta tá errada”, a gente não pode isso, não pode aquilo. A gente não pode xingar o aluno, a gente não pode xingar seu colega. Não pode fazer isso porque então é chamado o responsável aqui e aí fazemos todo o procedimento para com esse aluno, se ele desrespeitar um aluno, um colega, não é tratado como em qualquer outra escola “deixar pra lá”, não, aqui não. Desrespeitou um aluno ou colega, nós fazemos o procedimento, realizamos o relatório chamado de FATD, no caso pra gente fazer uma procuração e chamar o responsável, relatamos o fato ao responsável e ele realmente fica sabendo de tudo que tá acontecendo, então é todo um procedimento, então são várias regras... isso é feito... não foi feito de uma hora pra outra, nosso regulamento é aprovado em assembleia geral, temos aí a questão de utilização da gestão democrática aqui no colégio, então colocamos bem claro a questão da educação que a gente, nós do colégio... prima pela educação, pela conduta do aluno, por um maior aprendizado, então ele só vai ter um maior aprendizado se ele focar no aprendizado, na educação, no ensino, no que ele deve realmente aprender e não se preocupar com outros problemas e sim com o aprendizado, os outros problemas que eles começam a criar, digamos desvirtuar a escola, ou modificar a conduta da escola, o quê que nós fazemos, nós tiramos desse meio e colocamos ele na linha, não colocamos ele na conduta não, nós vamos corrigir esse aluno. Então é assim, somos pais. Se ele tiver várias transgressões nós levamos ele até o conselho, e quem faz parte do conselho é professor, comunidade, alunos e direção, aí é o conselho que vai dizer qual a medida que tem que ser dada para esse aluno que transgrediu várias vezes e que não se adaptou ao colégio. Então o colégio quer que o aluno se adapte se o aluno não se adaptar o colégio toma as medidas para que esse aluno tenha um outro direcionamento.

10. DSR- Será que a atenção especial que as escolas militares recebem hoje não acaba desvalorizando a escola pública? Atribuindo a ela um lugar social marginalizado?

WBN- Não, a escola não recebe maior atenção do governo, eu discordo disso aí! A questão como foi dita, até tem um pouco a ver com a questão óbvia, a questão interior, porque o que torna o ambiente aqui diferenciado é justamente o ambiente que foi criado aqui no colégio militar a partir da sociedade. Quem faz ser diferenciado o colégio

militar é a sociedade, é a comunidade, são os próprios funcionários que fazem esse colégio ser diferenciado, modo dele ser administrado, o modo de ser valorizado, aliás, os valores que são impostos aqui, os valores que são cultivados, que são extraídos aqui do colégio é que faz com que a essência desse colégio seja diferente dos outros, mas os mesmos recursos que recebem os colégios militares são os mesmo de qualquer escola pública, certo! Mas hoje em dia... tem agora a associação dos pais, quem ajuda aqui é a associação dos pais, quando o colégio tá por exemplo... quando o colégio não tinha merenda, não tinha recursos, não tinha nada, o que que nós fazíamos? Era feito, bazar com a própria comunidade e também com os eventos, festa junina. Assim nós conseguimos trazer recursos, até mesmo, algumas vezes no início numa situação difícil, já aconteceu de nós tirarmos do nosso próprio bolso para fazer a coleta para não deixar o aluno sem merenda, a gente desenrolava, dava um jeito, no começo foi muito difícil realmente, não tinha recurso algum, não tinha nada, era mudança de gestão e estava muito complicado.

ENTREVISTA V

A MILITARIZAÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NO ESTADO DO AMAPÁ:

ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MESSIAS GONÇALVES DA SILVA (2015-2020)

ENTREVISTADOR:	DEIVID DOS SANTOS RODRIGUES – DSR
DATA DA ENTREVISTA:	14 DE MARÇO DE 2020
LOCAL DA ENTREVISTA:	E.E. PROF. ANTÔNIO MESSIAS
HORÁRIO DA ENTREVISTA:	14h50
ENTREVISTADO (A):	KLEDSON BARBOSA DO ROSÁRIO – KBR
OCUPAÇÃO:	DIRETOR

PERGUNTAS E RESPOSTAS

8. DSR – Quando se fala em escolas militares, o que vem a sua cabeça?

KBR- É... primeiramente boa tarde. Nessa tua primeira pergunta o que vem logo é a questão da segurança, né... da organização e disciplina nos estudos.

9. DSR- Na sua opinião, o que motiva os pais a matricularem seus filhos na escola

militar?

KBR- Basicamente, essa é uma complementação da primeira pergunta. Muitos pais hoje procuram a escola em razão da segurança a própria segurança dos seus filhos e também pelos bons resultados que a escola vem apresentando desde 2017 com a implantação do modelo de ensino militar aqui no Amapá. A escola Antônio Messias foi a pioneira nesse processo, então desde 2017 a escola já obtém bons frutos desse projeto. Então os pais acabam procurando a escola pelo resultado e segurança que este local oferece.

DSR- Esse resultado, esse bom desempenho que você fala que aconteceu a partir da implementação da escola militar, a gente pode encontrar aonde esses dados? No ENEM, INEP e IDEB?

KBR- Sim, o do ENEM fica disponível no site do ministério da educação que tem os dados de cada escola e também, da folha de São Paulo se não me falhe a memória, em que ela faz o ranking das escolas públicas de todo o Brasil. No Amapá, quando a gente vai analisar a gente observa esse salto de 2016 para 2017 da 56ª posição para a 6ª posição, né... esse avanço que teve a escola Antônio Messias. Em 2017, a escola ocupou a 7ª colocação.

10. DSR- A regra e a disciplina são métodos eficazes no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos?

KBR- Sim, sim... porque o aluno acaba criando uma rotina de estudos. Aqui na escola por exemplo, na nossa dinâmica, o aluno só sai de sala com a ciência do professor. Então, ele permanece o tempo todo em sala de aula estudando, ele já cria uma dinâmica de organização e disciplina também, dos conteúdos que o professor tá trabalhando. É uma relação de professor aluno de respeito, que é estabelecido. Então tudo isso gera um fator positivo para ambos os lados. A gente observa muitos comentários dos pais no sentido que, os próprios alunos também começam a se disciplinar fora do ambiente escolar. A gente trabalha na escola a questão da hierarquia, disciplina, do respeito, do civismo, mas por outro viés tem a questão da meritocracia, aqueles alunos que se destacam, que tiram boas notas, que tem bom comportamento, são condições favoráveis para representar a escola em determinadas cerimônias. Então tudo isso favorece o bom rendimento do aluno aqui na escola e esse aluno acaba se dedicando nos estudos tanto na escola, quanto na sua casa. Quando a gente analisa o resultado não só aqui dentro, mas fora, a gente observa uma mudança de comportamento dessa criança, desse jovem não só aqui na escola, mas no ambiente onde ele está, então quer dizer, todo esse processo de transformação parte da escola e já tá tomando novos rumos, então isso pra gente é muito satisfatório. Só pra ti ter uma ideia, em 2017, no ano de implantação da escola, nós tivemos uma redução drástica nas ocorrências de roubo e furto aqui no bairro, né... porque além do trabalho preventivo que a escola desenvolve a gente trabalha externamente, o nosso aluno seja na entrada às 7 da manhã e na saída próximo de meio dia a gente tem uma viatura que faz uma ronda próximo da escola, então faz com que esse aluno não seja vítima de roubo, furto e sobretudo garantir a segurança da própria sociedade.

DSR- E também, para que esse aluno não fique fazendo coisas ociosas, que não vá agregar para o seu aprendizado fora da escola, né?!

KBR- É um ponto muito bem observado por você, porque a viatura também tem esse viés fora da escola, porque ele tem esse sentido também de orientar o aluno pra que ele não fique em locais inóspitos, sendo de fácil é... uma vítima propicia aos crimes né. Então tudo isso a gente essa preocupação.

11. DSR- Quais as ações dessa nova gestão escolar você acredita que contribuem para os bons resultados obtidos pelos alunos da escola militar?

DSR- Bom, você já falou vários deles né, que é a questão da disciplina da hierarquia, mas especificando mais um pouquinho, o que você acha dentro dessas normas, que tem dado muito certo e elevado a qualidade de ensino militar a outro patamar.

KBR- Pois é, é uma pergunta sensacional por que o fruto desse resultado também é justamente a participação da família, a escola militar Antônio Messias ela é uma escola democrática...

DSR- Me falaram em outras entrevistas, por exemplo com a Geni Frota Martins, que é coordenadora pedagógica desse projeto, ela me falou que toda a formulação e a montagem do projeto foi em consenso com a comunidade.

KBR- Justamente, a escola não toma nenhuma decisão de forma unilateral, nós contamos muito com a ajuda da própria comunidade, a gente apresenta uma sugestão, eles aprovam ou não, tanto nos nossos regulamentos, o nosso regimento, foi tudo aprovado pela própria comunidade em assembleia geral, na verdade, nas reuniões que tivemos, nós apresentamos as sugestões, a questão do nosso regulamento disciplinar escolar do manual do aluno é... Basicamente foi acatado pela própria comunidade.

12. DSR- Qual a classe social predominante na escola militar hoje?

a) *Classe alta-*

b) *Classe media*

c) *Classe baixa*

KBR- Hoje o público se enquadra na classe média, é um público que está se renovando, tanto é que uma das medidas adotadas pela gestão e pela própria secretária de educação, e que se tenha o edital específico para o ingresso nas escolas militares a partir do 6 ano, pois eles disponibilizam 70% para a comunidade, por que o nosso aluno realmente precisa que mora no bairro, ele não consegue efetivar a matrícula quando o sistema fica disponível no mês de janeiro, fevereiro, então a gente observou que a própria comunidade não estava sendo atendida e o projeto, ele visa justamente a atender a comunidade, ofertar um ensino de qualidade, com disciplina, segurança para essas crianças que moram no bairro. Então começou a se pensar nesse edital, justamente pra que essas famílias que são mais carente e que precisam mesmo do apoio do estado, sejam agraciados.

DSR- Nesse edital ele tá disponibilizando 70% para a comunidade né, que eles fazem a matrícula normalmente e os outros 30% como é que ficam?

KBR- Os 70% são destinados para os alunos que residem no bairro e os 30% são para

a comunidade em geral.

DSR- *Nesse edital desses 30% eles não têm que fazer prova, alguma coisa do tipo?*

KBR- *Não, não. É sorteio!*

DSR- *Existe alguma porcentagem para filhos de oficiais?*

KBR- *Não, assim como de prove não existe nenhum percentual de reserva de vaga destinadas a esse público, se quiser ingressar na escola é através do sistema da... educação, o SIGEDUC ou através de sorteio do 6 ano, só frisa aqui, o sorteio ocorre somente na série entrante, que é 6 ano por que das demais séries, como a minha evasão é próximo de 0 e o meu abandono também, então o meu aluno ele migra de uma série para outra, e aí são poucas vagas disponibilizadas para o sistema em torno de duas, três vagas.*

13. DSR- Que escola e que formação você deseja para seus filhos?

KBR- *Bom é, acho que um ambiente saudável onde ele possa crescer e... crescer e ter conhecimento do que é necessário né... isso é importante, ter um ambiente seguro que pra gente hoje é importante, principalmente para o professor quanto para o aluno.*

14. DSR- Qual qualidade a sociedade em geral almeja em uma escola pública?

KBR- *Na verdade, eu só vou contextualizar, muitos pais procuram na escola militar como uma rota de fuga né, quando não conseguem é... criar mais os seus filhos e aí cria-se aquele estigma “matricula na escola militar que resolve” e não bem assim, então a gente trabalha sempre junto com a família, a gente sempre fala que a coordenação pedagógica pra monitoria que lida diretamente com os alunos, eles que trabalham a parte preventiva de orientação em salas de aula, trabalhando as questões de... civismo. E o que os pais procuram mesmo aqui é essa rota de fuga, sobretudo quando observam os dados de rendimento escolar, eles ficam extasiados que querem matricular seus filhos.*

15. DSR- Que impactos tem uma formação educacional militar na vida de estudantes de escola pública?

KBR- *A gente trabalha com rotina tantos os alunos do ensino fundamental quanto do ensino médio, a gente trabalha com rotina com esses alunos, e... isso é muito importante porque cria uma disciplina neles de continuidade, chega um momento em que a monitoria só fica observando por que o aluno já segue aquela rotina pré-estabelecida em sala de aula, aqui ele tem o horário do lanche, tem o horário da biblioteca, então ele é bem cobrado quanto a estes quesitos e...*

DSR- *Qual impacto? Vamos pensar em uma escola pública que não tenha gestão compartilhada com a secretaria de educação e a polícia militar. Um aluno então vai*

estudar, seguir o roteiro curricular normal e não vou dizer que aqui na escola militar não é normal, mas aí a gente uma mudança na rotina escolar por que entra um pouco da cultura militar nessa rotina escolar, por exemplo, o aluno tem a questão dos horários isso faz com que ele tenha mais responsabilidades, a organização então tudo isso é uma mudança na rotina escolar.

KBR- *Outro fator também que a gente aproveita bastante é a questão do esporte a inclusão do aluno no esporte, então aqui eu tenho a questão da meritocracia ela está aliada justamente com esse desenvolvimento do aluno. Eu tenho relatos aqui que os próprios professores falam que anteriormente a gestão haviam alunos problemáticos, então esses alunos que não se acreditava que eles poderiam ter bons rendimentos hoje são alunos espetaculares, eu tive casos de alunos que furtavam, roubavam, mas a escola por si só ela não pode abandonar esse aluno, a escola ela tem que incluir, tanto é que hoje esses alunos encontraram viés que foi no esporte, tem alunos tanto em natação, luta olímpica que hoje é a chave de ouro da nossa escola, tenho vários alunos que se destacaram e inclusive já participaram de campeonatos fora do estado tendo chances inclusive de participar de torneios internacionais, pra gente isso é fantástico por que a gente verifica a evolução desses alunos por que o tempo que ele poderia estar a tarde ocioso ele está na escola treinando, tanto é que nas lutas olímpicas aqui no estado do Amapá a escola Antônio Messias se destaca como a primeira escola a arrecadar basicamente todas as medalhas em todas as competições nacionais e outro é a natação nosso outro viés, a gente trabalha com a iniciação a gente fortalece a base assim como a gente trabalha já com a formação avançada que são os treinamentos capacitando o aluno para que ele possa participar de campeonatos tanto aqui no estado quanto fora.*

DSR- *não, sei se é a escola disponibiliza ou é a secretaria de educação uma pessoa pra fazer o acompanhamento de alunos que tem alguma deficiência, então você poderia falar um pouco disso, até recentemente a gente teve a aprovação de um aluno que fazia acompanhamento na UNIFAP em ciência da computação...*

KBR- *A secretaria de educação juntamente com a escola elas devem ofertar o ensino para esses alunos com algum tipo de deficiência, da inclusão e aqui todos os nossos alunos são incluídos eles fazem as avaliações com os outros alunos, eles têm um atendimento especializado aqui na escola, a própria secretaria disponibiliza um cuidador para acompanhar a rotina desse aluno na escola, então tudo isso favorece a*

adaptação dele aqui.

DSR- *Já havia esse acompanhamento antes de você implementar ou a escola começou a cobrar depois. Deu para perceber que em outras escolas não tem esse acompanhamento, que não ofertam esse acompanhamento e o aluno fica ali meio segregado*

KBR- *Por que aqui na verdade eles são nossos alunos queridos, são alunos do AEE. A escola não pode se negar a atender esses alunos, tanto é que tem o cuidador e o professor do AEE, o cuidador é para os dias a dias caso ele sinta necessidade e o professor do AEE para dar aquele feedback, aquele ajuste na disciplina.*

16. DSR- **Se o colégio militar é destacado como escola de qualidade, o que dizer das escolas estaduais do Amapá que não possuem termo de cooperação técnica com as forças de segurança?**

KBR- *As escolas militares se destacam justamente por esse viés da organização, segurança né, mas as outras escolas têm esse trabalho na mesma formatação, a única coisa que não tem mesmo é a questão de um policial à frente da escola e tudo mais, as outras escolas contam também com a presença do policiamento escolar, mas ele não está presente em todo momento e tem aquela rotatividade, tem que fazer a sensação de segurança, o policiamento extensivo pelo bairro pelas escolas, mas aqui não, aqui é uma escola que a gestão e a monitoria são composta por policiais militares.*

DSR- *Então essa qualidade de ensino também tem um ponto principal em questão de uma administração de qualidade que possa orientar e organizar não só a questão estrutural como também dos professores e dos alunos para chegar essa qualidade de ensino.*

KBR- *A gente tem é... busca ter um ambiente confortável para todos tanto para o aluno, policial e para o professor*

10.DSR- **Será que a atenção especial que as escolas militares recebem hoje não acaba desvalorizando a escola pública? Atribuindo a ela um lugar social marginalizado?**

KBR- *Bom, primeiro... eu não concordo com a pergunta, até porque quem tá aqui como gestor sabe das dificuldades que nós enfrentamos diariamente e assim como a escola Antônio Messias tem suas dificuldades administrativas, as outras escolas também tem. Quanto ao viés de recurso é o mesmo recurso...*

DSR- *Só aplicados de maneiras diferentes...*

KBR- *é, aqui a gente... é na ponta do lápis tudo que chega, tudo que a gente recebe é na*

ponta do lápis, é feito o cálculo de merenda, o material de manutenção que chega, como por exemplo, é... água sanitária, desinfetante... a gente faz o cálculo pro mês, a gente utiliza de forma consciente o recurso aqui. Então a escola não recebe nenhum recurso à mais, só pra ti ter uma ideia eu recebo em torno de seis mil e novecentos e eu ainda tenho que manter uma piscina em funcionamento para o meu aluno, então é... a gente administra muito com pouco.

DSR- *Então, pra concluir. A gente entra em um consenso que para se ter uma escola e um ensino de qualidade, a gente precisa ter também uma administração boa, que possa organizar e destinar o recurso...*

KBR- *Saber gerir os recursos para que todos sejam agraciados, né. Porque a gente não admite que essas crianças que estudam aqui, que realmente precisam, sejam abandonadas pelo poder público.*

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COMITÊ DE ÉTICA E DE PESQUISA DA UNIFAP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado **A Militarização Escolar no Amapá: um estudo de caso sobre a escola Estadual professor Antônio Messias Gonçalves da Silva** desenvolvido por **Deivid dos Santos Rodrigues¹**, acadêmico de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amapá.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é contribuir na construção de uma narrativa sobre o processo de implementação da escolar militar no Estado do Amapá, mais especificamente, a escola Antônio Messias.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da referida Instituição de Ensino Superior.

Minha colaboração se fará de forma transparente, por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada e transcritas a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Como qualquer memória a ser publicada é necessário que fique ciente que pode haver questionamentos sobre o teor de suas informações ou mesmo com relação a interpretação e uso feito de suas memórias. Mas são os riscos de qualquer

¹ Para qualquer outra informação, poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário o pesquisador através do telefone nº 96 984074097, no endereço Rua Raimundo Vicente Alves nº 2181 – Zerão – Macapá/AP, ou por E-mail: deividrodrigues856@gmail.com.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COMITÊ DE ÉTICA E DE PESQUISA DA UNIFAP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

pesquisa, o importante é que aceite participar da etapa de publicação do trabalho. Os benefícios que esse trabalho trará versam sobre a visibilidade dos processos que levaram a implementação dessa nova proposta de ensino.

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Eu, Niziana Braga Esteves, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Niziana Braga Esteves

Data: 09 / 03 / 2020

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assinar



Luiz Rodrigues

Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COMITÊ DE ÉTICA E DE PESQUISA DA UNIFAP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

pesquisa, o importante é que aceite participar da etapa de publicação do trabalho. Os benefícios que esse trabalho trará versam sobre a visibilidade dos processos que levaram a implementação dessa nova proposta de ensino.

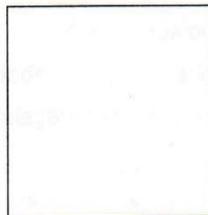
Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Eu, Kledson Barbosa do Rosário, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Kledson Barbosa do Rosário Data: 09/03/2020
Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assinar



Luiz Rodrigues
Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COMITÊ DE ÉTICA E DE PESQUISA DA UNIFAP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

pesquisa, o importante é que aceite participar da etapa de publicação do trabalho. Os benefícios que esse trabalho trará versam sobre a visibilidade dos processos que levaram a implementação dessa nova proposta de ensino.

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

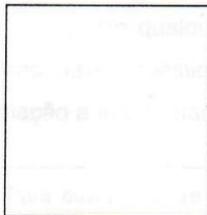
Eu, Wandert Braga Nunes, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Wandert Braga Nunes Data: 09 / 03 / 2020

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assinar



Picini Rodrigues

Assinatura do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COMITÊ DE ÉTICA E DE PESQUISA DA UNIFAP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

pesquisa, o importante é que aceite participar da etapa de publicação do trabalho. Os benefícios que esse trabalho trará versam sobre a visibilidade dos processos que levaram a implementação dessa nova proposta de ensino.

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/ programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Eu, Geni +rota Martins, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Geni +rota Martins
Assinatura do participante

Data: 03 / 06 / 2018

Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assinar



Ricci Rodrigues
Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE C

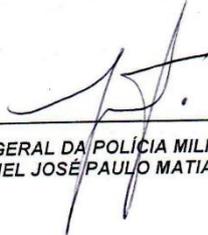


GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
POLÍCIA MILITAR DO AMAPÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, José Paulo Matias dos Santos, Comandante Geral da Polícia Militar, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada **A militarização Escolar no Amapá: uma nova proposta de Ensino (2017-2019)** sob responsabilidade do pesquisador **Deivid dos Santos Rodrigues** na **Escola Estadual de Ensino Militar Professor Antônio Messias Gonçalves da Silva, localizado na Av. Dom José Maritano, 622-Zerão, Macapá-AP, 68903-270**. Para isto, serão disponibilizados ao pesquisador o uso do espaço físico, documentos sobre a implementação do projeto para análise, assim como, o PPP da escola.

Macapá-AP, 05 de Novembro 2019.


COMANDANTE GERAL DA POLÍCIA MILITAR DO AMAPÁ
CORONEL JOSÉ PAULO MATIAS DOS SANTOS

ANEXO A



GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE GESTÃO DE PESSOAS
Av. FAB, 0096- Centro Administrativo – Macapá-AP- CEP. 68900-073

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulada “**A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA MILITAR NO ESTADO DO AMAPÁ - BRASIL**”, sob a coordenação do Professor Sidney da Silva Lobato da disciplina **MONOGRAFIA I**, da UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP. Ressaltamos que fomos esclarecidos quanto aos objetivos do estudo e que o mesmo só deverá iniciar após a aprovação pelo comitê de ética pela Plataforma Brasil.

Macapá – AP, 04 de dezembro de 2019.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Dannielsom Thomptom de Souza Miranda', written over a horizontal line.

DANNIELSOM THOMPTOM DE SOUZA MIRANDA
Secretário Adjunto de Gestão de Pessoas
Decreto nº3449 /2019 – GEA

ANEXO B



PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA



OFICIO. Nº 89/2018 – CCH/LIC

Macapá-AP, 13 de abril 2018.

Senhor (a) Diretor (a)

Solicitamos a Vossa Senhoria, autorização para o acadêmico **Deivid dos Santos Rodrigues**, mat: 201511290237, aluno regularmente matriculado no Curso de História Licenciatura desta IFES, para que possa realizar Estágio referente a disciplina Estágio Supervisionado em Docência IV, sob a orientação da Prof^a Júlia Monnerat Barbosa.

Atenciosamente,

Andrius Noronha
Andrius Estevam Noronha
Coordenador do Curso de História Licenciatura
Portaria Nº 1784/2014 – UNIFAP

Recebido em
16.04.2018
[Assinatura]
Sra. Lenias Souza-CAP PM
Diretora
E. Prof. Antônio Messias Gonçalves da Silva
Decreto nº 0166/2018-664

Nesta:
Escola Estadual de Ensino Militar Profº Antônio Messias Gonçalves da Silva.

UNIFAP: 28 ANOS CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO DO AMAPÁ.

Coord. Licenciatura em História.
historia@unifap.br
Contato: 3312-1782

CAMPUS MARCO ZERO – Macapá
Rod. Juscelino K. de Oliveira – Km 02 Jardim Marco Zero
CEP 68903-419 www.unifap.br

Recebido em
16/04/2018
Josiane Steis

ANEXO C

19/11/2019

e-Doc Gerenciador Eletrônico de Documentos

19/11/2019 - 17:09



GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
UNIDADE DE COMUNICAÇÕES ADMINISTRATIVAS

DOCUMENTO EXTERNO nº 13769/2019 - UCAD/SEED (Protocolo: 164.490722/2019)	Data de Envio: 17/06/19 - 09:52
Destino: SEED	
Assunto: SOLICITA AUTORIZACAO PARA O ACADEMICO DEIVID DOS SANTOS RODRIGUES, P/ REALIZAR COLETA DE DOCUMENTO...	
Conteúdo: Documento Externo	

JULIANA DE OLIVEIRA SILVA DE MENDONCA

Histórico de Encaminhamentos					
Ord	Data	Origem	Destino	Remetente	Data Leitura
1	27/06/19 - 16:06	SAPE	SAGEP	MARIA LUCENI DA SILVA RODRIGUES	21/08/19 - 15:22
Senhora Secretária em exercício, Encaminhamos para conhecimento e providências junto ao CRH, a solicitação do Coordenador do Curso de História/Licenciatura-UNIFAP através do ofício nº 154/2019 que trata da solicitação de autorização para realização de trabalho acadêmico. Att, NEURIZETE DE OLIVEIRA NASCIMENTO SECRETÁRIA DE POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO DECRETO Nº 4947/2018-GEA					
MÁRIA LUCENI DA SILVA RODRIGUES					
2	21/08/19 - 15:33	SAGEP	CRH	LOURIVAL DA COSTA FURTADO	03/09/19 - 09:13
De ordem encaminhamos o Ofício nº 154/2019 - CCH/LIC da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP para conhecimento e possibilidade de acompanhamento ao acadêmico Deivid dos Santos Rodrigues quanto à pesquisa, referente a disciplina Monografia I, sob a orientação do Prof. Sidney da Silva Lobato.					
LOURIVAL DA COSTA FURTADO					
3	03/09/19 - 12:45	CRH	GAB	dannielsom thomptom de souza miranda	09/09/19 - 09:08
Encaminho o Ofício nº 154/2019 - CCH/LIC (Protocolo: 164.490722/2019) referente à solicitação de autorização do acadêmico Deivid dos Santos Rodrigues visando realizar coleta de documento e entrevista. Conforme ligação realizada pela CRH/SEED, o referido acadêmico solicitou uma entrevista com a secretária Maria Goreth com intuito de falar sobre a implantação da escola militar no Estado. Desse modo, direcionamos a este GAB/SEED para análise e providências quanto à solicitação do acadêmico. Sendo o que se apresenta para o momento, nos colocamos a disposição para maiores esclarecimentos. Atenciosamente,					
dannielsom thomptom de souza miranda					
4	24/09/19 - 11:32	GAB	CRH	TEREZINHA DE JESUS MONTEIRO FERREIRA	10/10/19 - 13:28
Restituimos os autos do processo nº164.490722/2019, o qual solicita entrevista com a secretaria de estado. Considerando que a pauta da entrevista é sobre a implantação da Escola Militar no Estado do Amapá, sugerimos que a entrevista seja feita com a Gerente do NEM/SEED visto que a servidora era a presidente da comissão que implantou a gestão compartilhada e com o um dos gestores a frente da escola compartilhada militar. Terezinha de Jesus Monteiro Ferreira Chefe de Gabinete/ SEED Decreto nº 159/2018					
TEREZINHA DE JESUS MONTEIRO FERREIRA					